

UNIVERSIDADE SANTO AMARO
Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas

Alexander Willian Eugênio de Souza

**DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E IMAGINÁRIO: MOVIMENTOS
MASCULINISTAS, MASCULINIDADES E CULTURA WOKE NA
PÓS-MODERNIDADE**

SÃO PAULO

2024

Alexander Willian Eugênio de Souza

**DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E IMAGINÁRIO: MOVIMENTOS
MASCULINISTAS, MASCULINIDADES E CULTURA WOKE NA
PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas. Bolsista CAPES.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos.

SÃO PAULO

2024

S713d Souza, Alexander Willian Eugênio de.
Diálogos entre gênero e imaginário: movimentos masculinistas, masculinidades e cultura woke na pósmodernidade / Alexander Willian Eugênio de Souza. – São Paulo, 2024.

94 p. : il., color.
Orientador: Paulo Fernando de Souza Campos.
Co-orientador: Silvio Gabriel Serrano Nunes

Dissertação. (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, 2024.
Bibliografia incluída.

1. Masculinidades. 2. Imaginário. 3. Violência Simbólica. 4. Machosfera. I. Campos, Paulo Fernando de Souza, orient. II. Nunes, Silvio Gabriel Serrano, co-orient. III. Universidade Santo Amaro. IV. Título.

CDD 305.31

Elaboradora pela Bibliotecária: Milena Braz Martins CRB-8/9974

Alexander Willian Eugênio de Souza

**DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E IMAGINÁRIO: MOVIMENTOS
MASCULINISTAS, MASCULINIDADES E CULTURA WOKE NA
PÓS-MODERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas Stricto Sensu da Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos.

São Paulo, 06 de dezembro de 2024.

Banca examinadora

Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos (Orientador)

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio - Faculdade Rudolf Steiner

Prof. Dr. Silvio Gabriel Serrano Nunes - Universidade de Santo Amaro - Unisa

Conceito Final: _____

Para o meu pai que foi minha referência de masculinidade, meu herói e minha inspiração. Sinto sua falta.

Agradecimentos

Existe um limite para o que uma pessoa pode realizar sozinha, e por isso, sou profundamente grato por estar rodeado de pessoas que me incentivaram e apoiaram ao longo desses dois anos de jornada. Gostaria de expressar minha mais sincera gratidão ao meu pai, Antônio Djalma de Souza, um homem simples do sertão nordestino, que infelizmente não pôde ver a conclusão deste trabalho. Ainda assim, ele me incentivou de maneira inestimável, mesmo sem ter plena noção do quão importante foi sua influência na construção desta dissertação.

Agradeço também de coração à minha companheira, Flávia Neves Muniz, que me acolheu e aconselhou ao longo de todo o processo. Não sei como teria prosseguido sem o apoio e dedicação dela. Desde o falecimento do meu pai até o término desta dissertação, ela esteve ao meu lado em todos os momentos, não permitindo que eu me sentisse só, nem por um segundo.

Sou grato aos meus irmãos, Alessandra Eugênio de Souza Pinheiro e Ricardo Eugênio de Souza, por todo o auxílio ao longo deste percurso, seja ajudando com a aquisição de livros ou proporcionando as condições necessárias para a escrita deste trabalho. Um agradecimento especial também à minha sobrinha, Ana Beatriz de Souza Pinheiro, que compartilha a moradia comigo e me faz companhia. Aos meus amigos de longa data, Rodrigo Medeiros e Willian Barboza, agradeço por nunca me esquecerem, mesmo durante os momentos em que estive ausente. Vocês são, para mim, verdadeiros irmãos de consideração. E um agradecimento especial ao meu querido amigo Pedro de Oliveira, também um irmão de consideração, que contribuiu para este trabalho com sua ajuda na escrita e, claro, com os melhores bolos que alguém pode comer.

Quero expressar minha profunda gratidão ao professor Dr. Paulo Fernando de Souza Campos, que me orientou nos momentos em que eu estava perdido e cuja presença marcou minha trajetória desde a graduação. Serei eternamente grato por sua orientação. Agradeço, ainda, à professora Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio, uma das docentes com quem mais tive o prazer de aprender. Foi ela quem me apresentou o conceito de Imaginário, que se tornou uma verdadeira paixão para mim. Por fim, agradeço à UNISA e à CAPES, por me concederem a bolsa que tornou possível a escrita desta dissertação.

Não é nosso papel dominar todas as marés do mundo, mas fazer o que podemos para ajudar aqueles que vivem nos anos em que nos encontramos, arrancando o mal dos campos que conhecemos, para que aqueles que vierem depois possam ter uma terra limpa para cultivar. O clima que terão não é para nós decidirmos.

Gandalf

RESUMO

A presente dissertação pretende explorar a interligação entre o imaginário e os estudos de gênero, focalizando especificamente a masculinidade. A conexão intrínseca entre o universo simbólico e a opressão de gênero torna-se aparente ao examinarmos os mecanismos de violência simbólica enraizados na estrutura patriarcal. Deste modo, a pesquisa se norteou nas seguintes problemáticas: como o universo simbólico contribui para a violência de gênero? De que forma os movimentos masculinistas capturam a imagem de uma masculinidade hegemônica para propagar discursos de ódio? Como o discurso do podcast *Inteligência LTDA* contribui para a criação de uma identidade masculinista? Nesse contexto, a partir de uma abordagem interdisciplinar, objetiva-se investigar a relação histórica e social entre o universo simbólico e a estrutura patriarcal, destacando como tais dinâmicas se manifestam na masculinidade na pós-modernidade. A proposta engloba a análise da construção de uma noção peculiar de masculinidade, vale dizer, a permanência cultural de um modelo de masculinidade que reforça estereótipos e que impõe um imaginário acerca do que é aceitável na performance do masculino. A abordagem histórica que vincula masculinidade e poder foi explorada por meio de vertentes contemporâneas no entorno do movimento *Redpill* e sua relação com a cultura *geek*. Para atingir o proposto, o estudo empregou o método de Análise de Discurso de Michel Foucault a partir dos podcasts publicados pelo canal *Inteligência LTDA* em companhia com o canal *Linhagem Geek*. Os resultados obtidos foram analisados por intermédio da teoria do imaginário social de Cornelius Castoriadis.

Palavras-Chave: Masculinidades; Imaginário; Violência Simbólica; Machosfera.

ABSTRACT

Dialogues between Gender and the Imaginary: Masculinist Movements, Masculinities, and Woke Culture in Postmodernity

This dissertation aims to explore the interconnection between imaginary and gender studies, specifically focusing on masculinity. The intrinsic connection between the symbolic universe and gender oppression becomes apparent when examining the mechanisms of symbolic violence rooted in the patriarchal structure. Therefore, the research is guided by the following issues: how does the symbolic universe contribute to gender violence? How do masculinist movements capture the image of hegemonic masculinity to propagate hate speech? How does the discourse of the podcast *Inteligência LTDA* contribute to the creation of a masculinist identity? In this context, using an interdisciplinary approach, the objective is to investigate the historical and social relationship between the symbolic universe and the patriarchal structure, highlighting how such dynamics manifest in masculinity in postmodernity. The proposal includes the analysis of the construction of a peculiar notion of masculinity, that is, the cultural permanence of a model of masculinity that reinforces stereotypes and imposes an imaginary about what is acceptable in male performance. The historical approach linking masculinity and power was explored through contemporary strands around the *Redpill* movement and its relationship with geek culture. To achieve the proposed goal, the study employed Michel Foucault's Discourse Analysis method based on podcasts published by the *Inteligência LTDA* channel in conjunction with the *Linhagem Geek* channel. The results obtained were analyzed through Cornelius Castoriadis's theory of social imaginary.

Keywords: Masculinities; Imaginary; Symbolic Violence; Machosphere

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Superman de Alex Ross.....	23
Figura 2 – Davi de Michelangelo.....	30
Figura 3 – Morpheus oferece as pílulas para Neo.....	45
Figura 4 – Arondir: Anéis de Poder.....	52
Figura 5 – Naru, Predador: A caçada (2022).....	53
Figura 6 – Abby, The Last of Us part 2.....	56
Figura 7 – Yasuke, Assassin’s Creed Shadows.....	58
Figura 8 – Eve, Stellar Blade.....	62
Figura 9 – Thor em um momento de fragilidade.....	78
Figura 10 – Kratos destruindo Olimpo.....	79
Figura 1 – Kratos ensinando Atreus a controlar a raiva.....	80
Figura 12 – Postagem defendendo masculinidade tóxica no Instagram.....	85

Lista de Quadros

Quadro 1 – Cultura woke no Inteligência Ltda.....	50
---	----

SUMÁRIO

Introdução	11
1 Tempos de rupturas: imaginário e construção da masculinidade no séc. XXI	17
1.1 Instituição, imaginário e construção das masculinidades.....	17
1.2 Macho e virilidade como sinônimo de Masculinidades.....	28
1.3 Desconstrução da Masculinidade como força física.....	36
2 Virilidade ameaçada: a machosfera e a cultura woke	42
2.1 Masculinidades Tóxicas: os <i>Redpill</i> e a machosfera.....	43
2.2 Lacração e Cultura Woke: quando não é mais legal ser macho.....	50
2.3 Ódio e violência: entre masculinismo e masculinidades.....	58
3 Ser homem sem ser machista: masculinidades em perspectiva	65
3.1 Emancipação Masculina: novas identidades, antigos conflitos.....	66
3.2 Masculinidades como lugar de fala: perspectivas renovadas de homem...	73
3.3 Homens e Patriarcado: novos corpos, velhos imaginários.....	80
Considerações finais	87
Referências	89

Introdução

O universo simbólico representa uma faceta profundamente significativa da natureza humana: a imaginação. Quando consideramos as referências que moldam nossa identidade, uma multiplicidade de símbolos, mitos e narrativas preenche a mente e a imaginação coletiva. Partindo desta perspectiva, é possível supor que somos o resultado da amalgamação de todas as narrativas que fundamentam e geram os elementos que nos definem como seres humanos, pois, como afirmou Ernst Cassirer (2021), antes mesmo de sermos racionais, somos seres simbólicos.

Nossa sociedade é fundamentada em símbolos que construímos para estabelecer valores atribuídos. Somos capazes de desenvolver narrativas que fundamentam e validam nossas ações, seja no âmbito religioso ou jurídico; essas narrativas orientam a nossa trajetória ao longo da vida. Cornelius Castoriadis (1987) afirma que não existe sociedade sem o mito, sendo o mito o que define e dá sentido ao mundo. “O mito é essencialmente um modo pelo qual a sociedade investe de significações no mundo e sua própria vida no mundo”. (CASTORIADIS, 1987, p.235) Esses mitos que permeiam nossas ações são responsáveis pelo fornecimento de exemplos e modos de agir que fazem com que nós, humanos, tivéssemos uma maneira pré-estabelecida de se comportar, as significações sociais.

O imaginário, portanto, é a fundamentação com o qual a sociedade baseia seus costumes e cultura. “Sem um invólucro, uma sobrecarga, um horizonte de imaginário, a vida em sociedade sofreria grave risco de mostrar-se bastante arbitrária e frágil.” (WUNENBURGER, 2007, p.62) A estrutura social portanto está ancorada nas significações imaginárias que atribuímos a ela, nossas relações sociais e de convivência parte primeiro de um simbolismo que criamos que justifica sua existência. Justiça, religião, moral, quaisquer relações sociais só têm seu grau de importância porque nós criamos uma significação imaginária antes.

A exacerbação da masculinidade, que é algo muito comum nas mais diversas sociedades, é responsável por criar lendas e mitos a respeito de heróis gloriosos capazes de realizar grandes façanhas. Vangloriamos os grandes

homens da nossa história, que realizaram feitos majestosos, relegando a figura masculina ao seu apogeu. Como não falar de Davi de Michelangelo, em toda sua glória, ou mesmo da figura mítica de Hércules, capaz de cumprir tarefas encaradas como impossíveis e conquistar seu direito divino.

Entretanto, existe um movimento conhecido como *redpill* que proliferou nos últimos anos e tem como identidade a misoginia e o discurso de ódio. Completamente associado ao espectro político da extrema direita, esse movimento que propaga ideias masculinistas, ocupou a internet no que ficou conhecido como machosfera, uma parcela das comunidades da internet, tais como grupos no *facebook*, páginas no X (antigo *twitter*), canais no *YouTube* e podcasts que propagam suas mensagens disfarçadas de discurso motivacional, mas que, no fundo, é um discurso de ódio que busca um resgate da masculinidade hegemônica que, devido aos movimentos de emancipação, tanto do feminismo quanto dos movimentos LGBTQIAPN+, sentiram-se ameaçados e se levantaram para se opor. Dessa forma, essa nova perspectiva, busca resgatar o local de hegemonia da masculinidade, completamente associada ao discurso de enriquecimento financeiro, se propagou nos grandes centros urbanos e nas periferias, servindo para alavancar o espectro da extrema direita cooptando jovens frustrados, através de um discurso sedutor.

Diante desse contexto, a pesquisa procura responder às seguintes questões: como o universo simbólico contribui para a violência de gênero? De que forma os movimentos masculinistas capturam a imagem de uma masculinidade hegemônica para propagar discursos de ódio? Como o discurso do podcast Inteligência LTDA contribui para a criação de uma identidade masculinista?

Para responder essas questões a pesquisa utiliza-se de uma abordagem interdisciplinar, através do prisma da história, estudos de gênero e do imaginário para observar e compreender a construção do patriarcado como uma instituição imaginária e traçar as raízes que afetam a performance do gênero masculino destacando como tais dinâmicas, imaginárias e sociais, manifestam-se na masculinidade na pós-modernidade. Compreendendo dessa forma, que os movimentos masculinistas fazem parte de uma rede de contra emancipação servindo como um braço do patriarcado diante das mudanças político-sociais da

pós-modernidade.

O corpus a ser analisado são o episódio 956 do canal Inteligência LTDA, intitulado *Cultura woke: Guilherme Freire e Linhagem Geek*. No qual o entrevistador Rogério Vilela recebe os irmãos Alba, do canal *Linhagem Geek*, e o filósofo Guilherme Freire para debater o que é cultura *woke*, como ela afeta a cultura e, em contrapartida, as relações de gênero, traçando um paralelo entre a cultura *pop* e *geek*. Partindo desse pressuposto, traçar um paralelo entre o discurso dos entrevistados com alguns elementos do universo *geek*, como jogos de videogame, quadrinhos, séries e filmes. Vale ressaltar que apesar de ser um podcast ele também é veiculado no *Youtube* em formato de vídeo, sendo então repercutido em várias esferas. É importante salientar que a mídia podcast é um importante veículo de comunicação devido a facilidade de ser escutado em qualquer aparelho com acesso à internet, surgindo em 2004 nos Estados Unidos, hoje a mídia é responsável não só por debates nichados, mas também por servir como fonte de notícias e servindo como uma rede de comunidades que criam vínculos entre ouvintes e produtores. A comodidade, a facilidade do acesso e a praticidade de escolher os programas dando autonomia para o ouvinte escolher os episódios que têm interesse em ouvir, faz com que cada vez mais, cria-se redes de interação e acesso nichado, ou seja, cada vez mais se consome de um discurso específico, limitando a perspectiva de quem escuta.

Nesse sentido, o aspecto a ser analisado com o podcast é seu caráter político-social, ou seja, seu discurso sobre a perspectiva de gênero aliada ao que se entende como cultura *woke*, ou seja, as mudanças sociais que são percebidas, ou não, pela população através das relações de gênero presentes em produções culturais. Aliada a isso, encontra-se o discurso político em relação a modelos comportamentais masculinos e femininos, fazendo com que performances pré-estabelecidas de gênero entrem em conflito devido às mudanças sociais vistas na pós-modernidade. Importante frisar que a cultura *woke* é uma das formas pejorativas como os movimentos masculinistas retratam a emancipação de movimentos sociais, porém não foi sempre assim, a cultura *woke* surgiu como uma forma de dar visibilidade e trazer à tona os preconceitos tanto raciais quanto de gênero, tendo sua origem nos movimentos emancipatórios dos afro-americanos nos Estados Unidos, a palavra ganhou

novos significados a partir de 2010 por movimentos progressistas.

Portanto, o método utilizado para a análise desse podcast foi a análise do discurso de Michel Foucault e da Eni. P. Orlandi. Como discurso entende-se que ele não é um mero reflexo da realidade e sim um instrumento que constrói e molda a verdade. Nesse sentido, ao utilizar a análise do discurso como método, a pesquisa propõe uma visão acentuada aos mecanismos subjetivos que compõem esses discursos e suas relações de poder, que cria realidades e define o que é verdadeiro, falso, normal e anormal. Dessa forma, ao utilizarmos desse método, podemos perceber quais são as formas com o qual os participantes do podcast definem as relações de gênero e pontuam em uma perspectiva que está alinhada a uma estrutura de poder. Observando como esse discurso é propagado, ainda mais em uma mídia de áudio, percebemos como as relações de poder transmitidas a milhares de pessoas têm o efeito de limitar a perspectiva e disseminar uma ideologia que mantém as estruturas sociais do patriarcado. Ao utilizar a análise do discurso como método, observamos não só a estrutura dos diálogos, mas sua subjetividade, o silêncio estruturado e ancorado no que não é dito, em contraponto com as verdades subjetivas do que falado. Sua relação intrínseca com o simbólico no que tange as nuances das palavras e seus sentidos. “A transformação da superfície linguística em objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão”. (ORLANDI, 2015, 64). Ao propor esse método de análise, a compreensão do universo simbólico se faz presente ao mesmo tempo em que revela as relações de poder intrinsecamente associadas aos mecanismos de controle e de discurso, afinal, em toda sociedade, os discursos são controlados, distribuídos e propagados através de mecanismos de controle a fim de minar seus perigos e limitar seu poder e influência. (FOUCAULT, 2014)

Sendo assim, sob a ótica da teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis (2010) compreendemos as dinâmicas e as relações de poder associadas ao discurso do podcast Inteligência LTDA sobre as representações e as estruturas simbólicas que permeiam o patriarcado. Vale dizer que a teoria do imaginário social busca compreender as instituições simbólicas presentes no âmbito social, compostos por significações que não se reduzem a fatos ou leis universais, mas são criadas e recriadas pela psique humana através da história.

As significações imaginárias estruturam a vida social em diferentes âmbitos, como a religião, a moral, a política e a economia, fornecendo um sentido para a vida individual e coletiva, definindo o que é bom, verdadeiro e justo. Nesse sentido, percebemos como o patriarcado é constituído dessas significações imaginárias no qual Castoriadis se refere ao construir um sentido para a masculinidade em si.

Portanto é necessário que pensemos as estruturas sociais que regem o patriarcado para combater a masculinidade hegemônica. Masculinidade essa que afeta a vida de homens ao excluir as diversas manifestações do gênero masculino, revelando assim a fragilidade com o qual a sociedade lida no que diz respeito às performances de gênero. A importância de construir uma perspectiva masculina que permita as antigas estruturas sociais que fundamentaram a masculinidade não interferirem com as dinâmicas proporcionadas pela pós-modernidade, é criar significações que influenciam como os homens enxergam a própria masculinidade, em toda sua pluralidade e beleza. Dessa forma, essa pesquisa está estruturada em 3 capítulos que visam discutir as nuances que afetam a criação de estruturas de controle e dominação através da construção de um imaginário masculino propagado e disseminado por grupos masculinistas.

O primeiro capítulo, portanto, aborda a construção da masculinidade como uma instituição imaginária. Neste capítulo a masculinidade será retratada no âmbito das significações a ela atribuídas, sua miríade de símbolos e significados assim como sua relação com a virilidade. Esses sistemas de significações, portanto, são a base para a construção da masculinidade hegemônica, historicamente atribuída, sendo necessária para enfim entendermos onde essas estruturas se fundamentaram, servindo como pilar central do patriarcado, levando ao segundo capítulo.

Nesse próximo capítulo, a virilidade e a masculinidade são vistas através dos movimentos masculinistas, sobretudo o movimento *Redpill*. Tal masculinidade que antes era hegemônica, passa por uma fragmentação com o advento dos movimentos sociais que colocaram em xeque as estruturas, até então, inquestionáveis do patriarcado. Como resposta, os movimentos masculinistas se organizaram para “denunciar” esses movimentos sociais, taxando-os de *woke* e relegando suas reivindicações ao âmbito da chamada

lacração. Utilizando por muitas vezes do discurso de ódio e da misoginia, os movimentos masculinistas procuram levar ao apogeu a masculinidade imaginária que outrora se estabeleceu como hegemônica.

No terceiro e último capítulo dessa dissertação, se faz necessário observarmos a masculinidade sobre outro prisma, o da emancipação masculina. Neste capítulo o debate acerca da masculinidade hegemônica e patriarcal dá lugar a uma busca por entender a masculinidade como um caminho possível na obtenção de igualdade de gênero. Entender a masculinidade como fator positivo é um caminho para construção de novas performances podendo ser usufruída como um combate à violência e ao ódio. Buscar esse caminho não é fácil, por esse motivo, se faz necessário enxergar essa nova possibilidade de performance masculina, alheia à instituição patriarcal. Vale ressaltar que essa pesquisa não pretende esgotar a temática, ela existe com intuito de contribuir para a discussão acerca da masculinidade, visando a compreensão das novas dinâmicas sociais e da possibilidade de coexistir em um mundo mais igualitário, sem excluir o passado, mas com o olhar para o futuro.

1 Tempos de Rupturas: Imaginário e Construção da masculinidade no séc. XXI

Pensar em masculinidade é pensar na construção social do masculino. Por construção social entende-se a lógica multifacetada das nuances que compõem a performance do que se espera de um homem para a parcela que se obtém dessa masculinidade. A virilidade surge nesse espectro como um fantasma que assombra a mente de cada homem. O medo de se sentir menos macho cria estigmas sociais que restringem como o homem deve ser e se portar.

Por mais que a masculinidade seja um privilégio, existem entraves que submetem os homens a uma estigmatização de que ser homem ainda é correr atrás de uma virilidade esperada, talvez até desejada, mas nunca alcançada. Esse deus homem ao qual todos nós invariavelmente idealizamos na plenitude de sua complexidade, nos força a olhar diretamente para o espelho e enxergar o quão falhos somos, perante a imposição que a masculinidade hegemônica força os homens a perseguirem o que jamais poderão alcançar.

Esse ser, dotado das mais belas virtudes que só o patriarcado como instituição pode delegar, que na mente de cada menino, por mais pueril que seja, busca encontrar e vê primeiro, na figura do pai, o exemplo a ser seguido, só impõe os limites que cercam a sua vida e o prende, nesse contexto, à pluralidade que a masculinidade deveria se tornar. Ser homem na pós-modernidade é romper com o macho idealizado, é romper com os mitos fundantes do homem-deus, e encarar a figura multifacetada da pluralidade de performances.

1.1 A instituição, o imaginário e a construção da masculinidade

Quando nos deparamos com os estudos de gênero, somos confrontados por uma realidade material que fica muito evidente ao tratar desse tema tão sensível que afeta muitas pessoas. A construção patriarcal da masculinidade não fica somente no campo da realidade material, muito pelo contrário, somos confrontados por um universo simbólico que criou, por sua vez, uma rede de símbolos que são responsáveis pela manutenção do poder patriarcal e, conseqüentemente, masculino em relação a outros gêneros.

Hoje em dia somos confrontados com o termo 'Cultura *Woke*' que surgiu inicialmente como algo positivo, era a luta dos movimentos sociais em busca de emancipação, visibilidade e respeito. *Woke* significava estar acordado diante das

injustiças do mundo, herança do movimento negro estadunidense, ser *woke* nesse contexto era estar lutando por direitos e iguais e visibilidade. Porém, existe uma vertente ligado a movimentos contra emancipatórios que distorcem o conceito de *woke* para uma interpretação negativa, associam a *woke*, como Guilherme Freire no podcast Inteligência LTDA, reduzindo o termo de maneira pejorativa que em suas palavras define que “essa cultura, ela foi indo cada vez em uma linha de que a história sempre evolui, e a história sempre evolui numa linha de relativismo moral” (FREIRE, 2023, 00:11:49 - 00:11:53), nesse sentido, ao dizer que a história evolui numa linha de relativismo moral, podemos compreender que ele está dizendo, nas entrelinhas, que a cultura *woke* representa um declínio da moralidade em relação ao conservadorismo. Dessa forma, a cultura *woke* ao se mesclar com os elementos da cultura *pop* na visão do locutor é uma forma de degradação dos valores políticos e morais, e isso ocorre através da subversão do imaginário de elementos da cultura *pop* como filmes, séries, videogames, história em quadrinhos, no geral.

Edgar Morin (1973) abordou o conceito de duplo para nos explicar a relação primeira entre os nossos ancestrais, *homo sapiens*, e o universo simbólico. Para o autor, a compreensão da morte foi responsável pela definição de todo um universo de novas redes e conexões, tanto com a natureza do pensamento humano, quanto com a realidade material. Os símbolos muitas vezes são utilizados para trazer ordem e significado ao caos da experiência humana, organizando e estruturando nossas percepções e entendimentos do mundo. No entanto, esses símbolos também podem conter elementos de desordem e ambiguidade, permitindo interpretações diversas e contraditórias. Os símbolos, sendo fruto de um contexto cultural, revelam a natureza complexa das experiências individuais e coletivas no contexto da sociedade.

Desse modo, o mundo exterior, os seres e os objetos do meio ambiente adquiriram, com o *homo sapiens*, uma segunda existência, a existência de sua presença no espírito fora da percepção empírica, sob a forma de imagem mental, semelhante à imagem que forma a percepção, já que ela não é mais do que essa imagem recordada. (MORIN, 1973, p.107)

Ernest Cassirer (2021) reforça o papel significativo do símbolo na evolução da racionalidade humana propondo que, através dos símbolos, os seres

humanos constroem sistemas de significado e interpretação que moldam suas percepções, crenças e comportamentos. “Em vez de definir o homem como *animal rationale*, deveríamos defini-lo como *animal symbolicum*”. (CASSIRER, 2021, p. 50)

Existe uma conexão inerente entre a realidade material e o universo simbólico. Olhamos para as estrelas e os mistérios do universo e atribuímos um significado, explicamos o mundo através de conexões e símbolos ao ponto de nos moldarmos em torno deles. Criamos histórias, heróis, deuses e monstros, explicamos o mundo através de nossa interpretação, alteramos a realidade através da magia e moldamos a natureza através do que enxergamos. Muitos pesquisadores se debruçaram através da confecção e estudo desse universo simbólico. Gilbert Durand (2019) foi um dos responsáveis por esquematizar essa rede simbólica e traçar uma explicação racional sobre esse campo. Para o autor os símbolos se organizam em quatro elementos que estão intrinsecamente ligados: *Scheme*; Arquétipo; Símbolo e Mito.

O *scheme* é a camada mais anterior da imagem, corresponde ao nível mais profundo e ancestral do símbolo propriamente dito e remete aos movimentos e gestos mais naturais associados ao homem, sendo eles a verticalidade da postura humana, no qual os símbolos associados são o da ascensão e da divisão; o gesto do engolimento que, por sua vez, correspondem aos símbolos da descida e por fim os gestos de aconchego e/ou acolhimento que correspondem a intimidade. (PITTA,2017)

O arquétipo por sua vez representa “o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais” (PITTA, 2017, p.23), é a imagem propriamente dita que carrega uma intencionalidade. O símbolo é uma imagem concreta que representa um sentido secreto, que simboliza algo oculto e carrega a intenção de quem a usa, é comumente utilizado em rituais para reforçar uma ideia. O mito é o amálgama de arquétipos, símbolos e *schemes*. Representa através de relato uma história de origem de determinada cultura, também é responsável pela camada ideológica e suas histórias têm um papel fundante na confecção de cada cultura. “É ainda função do mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade.” (PITTA, 2017, p.23)

É importante ressaltar a relevância do mito na construção da cultura e da identidade dos seus indivíduos. Sendo responsável por dar vida aos arquétipos

imaginados, os mitos, são fundamentais ao traçar os modelos de comportamento que os indivíduos acabam por seguir. O mito acontece em um tempo sagrado, no campo do simbólico, sendo protagonizado por um ente sobrenatural, ele relata uma história 'verdadeira'. A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento primordial, o tempo fabuloso do "princípio". (ELIADE, 2016, p.11)

Esse acontecimento primordial é responsável por traçar os ditames da cultura e os entes sobrenaturais servem de modelo de comportamento e reforçam uma narrativa. Os mitos por sua vez representam a camada ideológica desse esquema proposto por Gilbert Durand (2012), os mitos revelam padrões arquetípicos e imagens primordiais que estão enraizados no inconsciente coletivo da humanidade. Eles desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural, na estruturação das experiências individuais e na compreensão do mundo, logo quando falamos de mitos e seu papel definidor da cultura, estamos traçando um paralelo claro com a construção de um imaginário que molda a cultura através de seus símbolos e mitos.

Tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre, não diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. (CASTORIADIS, 2010, p.142)

Quando tratamos o mundo simbólico como algo que influencia a rede de interação entre as pessoas, compreendemos que existe uma intencionalidade inerente no discurso capaz de afetar e criar uma rede de poder que é válida por elementos simbólicos de controle, muito bem estabelecidos. "O homem (sexo masculino) encontrou uma forma de lidar com esse dilema existencial designando para si mesmo o poder de criar símbolos e para a mulher uma limitação de vida-morte-natureza" (LERNER, 2019, p.246). Esses elementos de controle operam no subconsciente e legitimam uma rede de poder que faz com que exista uma aceitação da opressão por parte dessa camada ideológica.

Os elementos que remetem ao imaginário masculino são associados a

uma esfera específica com o qual a teoria de Gilbert Durand (2012) nos apresenta, os regimes diurnos e os regimes noturnos. Apesar de não ser excludente e limitado, os regimes de imagem propostos por Durand representa nesse interim, uma forma de observar na construção social, como os símbolos foram se aglutinando para criar a representação do que é idealizado, dessa forma, quando observamos os elementos que categorizam o que representa essa masculinidade hegemônica, percebemos que os regimes servem como base para pensar em como a dualidade entre o masculino (associado ao regime diurno) e o feminino (associado ao regime noturno) interagem na construção simbólica do homem e da mulher. Por mais que os regimes não representem uma ideia limitante, homens e mulheres podem utilizar dos símbolos associados tanto ao regime diurno quanto noturno, ele serve como um indicativo do que esse aglomerado de simbologias representa.

Esse papel de protetor do grupo familiar vem sublimar-se e racionalizar-se mais ou menos fortemente no arquétipo do monarca paternal e dominador. E as concepções da psicanálise clássica, longe de serem originariamente causais, apenas vêm inscrever pelo caminho como sobredeterminação social e sexual da finalidade dos grandes gestos reflexológicos primitivos. (DURAND, 2012, p.137)

Quando pensamos na construção de um imaginário simbólico é crucial compreender que a subjetividade é parte inerente da construção dos símbolos e um depende do outro para sobreviver, tal qual uma relação simbiótica, o imaginário preenche as lacunas com significado, sempre moldado através do meio com o qual está inserido. “O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vagas são feitos de “imagens”, mas estas “imagens” lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica.” (CASTORIADIS, 2010, p.154)

A linguagem assume o papel de suma importância na construção dessa rede simbólica. Certas palavras e expressões podem ser carregadas com significados de gênero específicos, enquanto outras são usadas para descrever características ou comportamentos associados a homens ou mulheres. Por exemplo, termos como "forte" e "agressivo" são frequentemente associados ao masculino, enquanto "doce" e "gentil" são associados ao feminino. O uso desses termos influencia a percepção das pessoas sobre o que é apropriado para cada

gênero. O uso da linguagem torna-se um ponto fundamental na construção do imaginário e, sobretudo, a hegemonia do poder masculino. A construção desses símbolos reforça o argumento de que existe um imaginário ideal de masculinidade e essa idealização serve como modelo tanto para homens quanto para mulheres, e comentários do tipo “Eu sou homem nessa desgraça, não sou viado! Tenho 21 anos, meu pai me fez homem” que foi dito pelo participante Davi, na edição de 2024 do reality show Big Brother Brasil, reforça esse lugar do masculino como hegemonia, como pontuado pela revista Fórum.

As imagens também reforçam esse estigma quando associamos figuras e símbolos que são associados ao masculino. Temos em nosso cotidiano o costume de não interpretar essas imagens, mas quando pensamos nas construções sociais é indiscutível que essa carga simbólica está tão intrinsecamente enraizada no nosso subconsciente que não pensamos tanto a respeito, por já estarmos acostumados. Portanto as mídias são responsáveis por compartilhar essa visão simbólica do patriarcado e disseminar seu discurso para mais pessoas, vemos essas redes simbólicas diluídas ao redor das produções culturais como filmes, séries, livros, história em quadrinhos entre tantos outros. Dessa forma, uma águia não é apenas uma águia quando observamos o que a camada simbólica representa através dos regimes diurnos e noturnos impõe, ela representa sempre algo a mais e sua presença muda carregada de outros significados que vão além do animal em si, tornando-se por exemplo, uma imagem que representa a masculinidade, em específico a paternidade. “A águia é, também, o símbolo primitivo e coletivo do pai e de todas as figuras da paternidade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2022, p.67) Ou mesmo a figura dos heróis da mitologia e as imagens de heróis de quadrinhos que detém uma iconografia semelhante no que diz respeito à figura mítica do homem, como o Superman. O Superman de Alex Ross exemplifica muito bem a imagem de divindade, a iluminação destacando o rosto e seu olhar para o horizonte reflete as características divinas da personagem. O Superman é sinônimo das qualidades positivas atribuídas a figura masculina.

Figura 1 - Superman hiper-realista de Alex Ross



Fonte: (Google, 2024)

Os heróis das lendas, hoje em dia, tornaram-se os heróis dos quadrinhos, dos videogames, das séries, filmes e animações que compartilham dessa rede simbólica. Trocamos os antigos exemplos por novos à medida em que a sociedade globalizada e interconectada traça uma rede gigantesca de informação, os valores são compartilhados e a cultura torna-se diluída e multifacetada. Convivemos com o ideal de masculinidade não só do Brasil, mas também do mundo que coloca valores variados sobre como um homem deve agir, só nesse conflito de interesses há inúmeras nuances sobre como deve-se pensar a masculinidade. Mas a virilidade, essa sempre esteve presente, adaptando-se a realidade no qual está inserida. A frase 'seja homem' é uma sentença, uma punição e um estigma, que marca desde a infância, como um homem deve ser, ao mesmo tempo que coloca no pedestal do divino, a masculinidade hegemônica.

Esse exemplo resume bem o tipo de lógica presente no imaginário masculino: existiu, ou existe, em algum lugar inalcançável, uma virilidade verdadeira, não castrada e sem lei. Essa construção pode ser explicada pelo que a psicanálise chama de “pai primitivo”. Trata-se de uma fantasia na qual um pai mítico, representando uma virilidade tirânica, violenta, sexualizada e sem limites, foi, em algum momento, destronado e destruído e, em seu lugar, uma sociedade cheia de regras e limites teria se instalado. (AMBRA, 2021, p.20)

Para Lerner (2019) a subjugação da mulher perante essa cadeia simbólica ocorreu devido ao advento do monoteísmo, implicando assim à mulher apenas na ocupação de subserviência. Nesse sentido podemos perceber que o simbólico é parte crucial da complexidade humana e do viver em sociedade. Criamos mitos e símbolos para justificar nossas atitudes e vivenciarmos experiências que validem nossa existência. Justificamos o mundo através das redes simbólicas e míticas que criamos, portanto, esses símbolos que são responsáveis pela manutenção tanto da violência de gênero como da opressão e da diferença de classe.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. (BOURDIEU, 2018, p.22)

Quando abordamos em um sentido mais amplo a concepção de instituição para Castoriadis, percebemos que a sociedade é capaz de moldar e criar instituições que se adaptam a vivência social e, de certa forma, é capaz de se adaptar às diversas variáveis de acordo com a vontade das pessoas. Segundo o autor, as instituições não são apenas moldadas por fatores externos, mas também são capazes de se transformar internamente através do processo de autorreflexão. Esse conceito destaca a dinâmica e a autonomia das instituições, que têm a capacidade de se adaptar e evoluir ao longo do tempo.

Uma sociedade só pode existir se uma série de funções são constantemente preenchidas (produção, gestação e educação, gestão da coletividade, resolução dos litígios etc.), mas ela não se reduz só a isso, nem suas maneiras de encarar seus problemas são ditadas uma vez por todas por sua “natureza”; ela inventa e define para si mesma tanto novas maneiras de responder às suas necessidades, como novas necessidades. (CASTORIADIS, 2010, p.141)

Nesse sentido é importante compreender como o imaginário se impõe através da cultura e da arte, tendo em vista que o universo masculino como bem pontua Lerner (2019) esteve sempre de acordo com as vontades do masculino, não é e se surpreender que nesse interim toda a produção cultural esteve voltada para satisfazer a masculinidade hegemônica. Criando exemplos e reflexos, os homens sempre impuseram seus anseios através da produção de modelos viris. A instituição do patriarcado sempre foi responsável por dizer que o modelo de masculinidade era o correto. Dessa forma, a produção cultural foi um ponto de partida para moldar a masculinidade ao seu bel prazer. Sendo um amálgama de sentidos e significados “a afirmação sobre o que significa ser homem está diretamente ligada àquela de um lugar de poder que os homens têm ocupado ao longo de toda história.” (SILVA, 2021, p. 95)

Tanto para Lerner quanto para Castoriadis existe um ponto de convergência entre o universo simbólico e o mundo material. O patriarcado, nesse sentido, seria a instituição que perpetuasse através de uma rede simbólica opressão e violência de gênero. Se para Lerner (2019) o simbólico era utilizado para enfatizar e definir os homens como detentores da história, Castoriadis (2010) argumentaria que o patriarcado não é apenas uma forma de organização social, mas também um conjunto de significados, normas e práticas que são mantidas e reproduzidas ao longo do tempo.

Ao longo de séculos, a sociedade engendrou a mulher como uma alteridade, um não-“eu”, ou seja, o oposto do masculino; portanto, o lugar da fragilidade, da subserviência, da anulação/ocultação, ou ainda, da sedução demoníaca responsável pela perda da inocência e da permanência humana no paraíso. Eis a posição feminina nas sociedades patriarcais e falocêntricas gestadas no olhar eurocêntrico. (CAMPOS; BASEIO; MORICONI, 2017, p.214)

Dessa forma, quando pensamos na concepção histórica dos mitos, contos e símbolos reproduzidos através da nossa cultura, percebemos que existe um padrão de subjugação e de marginalização da mulher perante a figura masculina. Quando Bourdieu (2018) propõe que existe uma rede simbólica que perpetua e garante a hegemonia masculina e a dominação do discurso através da relação mítico-ritual, nos parece até mesmo inquestionável a ordem da relação de dominação, pois para nós como sociedade, através da construção e evolução,

os homens sempre foram detentores do poder.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2018, p. 22, 24)

O mundo então fora projetado, pensado e construído para satisfazer os anseios do masculino, excluindo as mulheres de seu sistema, o patriarcado torna-se então a norma padrão da vida em sociedade, sendo seu meio pelo qual as pessoas passam então a interagir. Dada a essa rede simbólica construída e lapidada através das diversas culturas que interagem entre si, mesclam-se e transformam-se, a sociedade passa então a existir sob essa égide.

Por fim, vimos como as mesmas metáforas de gênero expressaram o homem como norma e a mulher como desvio; o homem como completo e poderoso, a mulher como inacabada, mutilada e sem autonomia. Com base em tais constructos simbólicos integrados à filosofia grega, teologias judaico-cristãs e a tradição legal sobre a qual a civilização ocidental é construída, os homens explicaram o mundo em seus próprios termos e definiram as questões importantes de modo a se colocarem no centro do discurso. (LERNER, 2019, p.270)

Nesse sentido, a hegemonia masculina torna-se inquestionável e perdura sendo a norma para toda sociedade. Quaisquer meios utilizados para questionar o *status quo* torna-se, dessa forma, um meio para questionar a masculinidade e a virilidade como sistema, surgindo nesse processo o termo 'lactração' utilizado como forma pejorativa para nomear toda e quaisquer formas de inclusão de pessoas que fogem do padrão imposto pelo patriarcado. E quando há alguma representação simbólica que não condiz com o que é o padrão, surgem os discursos que imputam uma carga negativa nessas representações como bem exemplifica a fala do Gabriel Alba no episódio 956 do Podcast Inteligência LTDA:

Vocês podem reparar que toda essa desconstrução e esses esvaziamentos de personagens, em sua grande maioria, senão todos são homens, todos são homens e todos são personagens com traços masculinos de virilidade, de senso de justiça e de moral elevadíssimos, personagens com grandes poderes, com grandes capacidades de influência positiva, na sua grande maioria essa desconstrução acontece nestes tipos de personagens. (ALBA, 2023, 00:17:48 - 00:18:18)

Essa visão idealizada da masculinidade reforça os estigmas presentes quando pensamos na performance que o masculino representa. Esse delírio de virilidade revela que existe uma imposição acerca do que é certo e errado no que tange a força com o qual a figura masculina embrenha-se na mentalidade coletiva. Força, virilidade, respeito, são arquétipos que estão associados ao masculino pois a cadeia simbólica nos levou a acreditar nisso.

Além do mais, o patriarcado como um sistema permite a existência do que o Michel Maffesoli (2018) vai interpretar como tribos, que é uma unidade social menor, caracterizada por laços afetivos, emocionais e simbólicos, que contrasta com a ideia de sociedade moderna baseada em grandes instituições e estruturas hierárquicas. As redes sociais cumprem esse papel das tribos, criando relações sociais no qual os discursos podem ser propagados, estabelecendo vínculos baseados nas ideologias vigentes. Complementando esse processo, as mídias que são nutridas pelas redes sociais nessa dinâmica da pós-modernidade, se beneficiaram dessa tribalização, criando núcleos que servem como bolhas e disseminando os discursos vigentes, os podcasts, por exemplo, fazem parte desse processo de disseminação de conteúdo e ajuda a criar essas 'bolhas' ideológicas que propagam informação.

Vale salientar que, até mesmo a virilidade é um problema que impõe sobre a lógica masculina, modelos a serem seguidos, lembrando que, as sociedades enxergam a norma viril de forma diferente de acordo com o contexto no qual está inserida, mas as relações de poder estão sempre presentes, basta ver como grupos como os *Redpill* e os *Incel* se apresentam. A virilidade é um estigma presente na vida de todos os homens que os persegue, "existiu, ou existe, em algum lugar inalcançável, uma virilidade verdadeira, não castrada e sem lei." (AMBRA, 2021, p.20). Existe uma polaridade entre o que é a masculinidade

idealizada e o que são as múltiplas masculinidades que fazem parte da sociedade.

1.2 Macho em Foco: a virilidade como sinônimo de masculinidade

Quando pensamos nas características mais banais da nossa vida em sociedade, tais como a associação à cor azul aos meninos e o rosa as meninas, não questionamos o porquê de ser assim, já é um fato comum em nosso imaginário que a roupa de saída de um bebê na maternidade esteja associada ao gênero atribuído ao nascimento. Quando Simone de Beauvoir (2019) questiona a concepção da mulher nós também podemos nos indagar sobre a concepção da ideia de ser homem. Dessa forma, o que seria ser homem? Modelos de masculinidade sempre existiram, em todas as culturas encontramos uma vasta e extensa norma de comportamento que impõe regras muito bem definidas de como um homem deve ser portar perante a sociedade, porém existem pontos de convergência que são semelhantes em todos os lugares, o homem é figura hegemônica na maioria das culturas ocidentais, sobretudo o homem branco.

“Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.245)

Encontramos no homem a figura neutra, nós nos definimos como homens quando pensamos no conceito de humanidade. A própria raiz neutra da palavra carrega em si valores atribuídos e características a serem seguidas. “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos” (BEAVOUIR, 2019, p.11). Na teologia cristã, Deus (no masculino) fez o homem a sua imagem e semelhança, dado a esse fato, o mundo pertence ao masculino, sendo a sua contraparte feminina também sua propriedade, já que Deus deu à luz a Eva através da costela de Adão.

A versão bíblica da criação da mulher como parte do homem não é a única, nesse sentido a feminilidade é a construída ou para satisfazer um desejo masculino ou para servir-lhe de companhia, mas sua característica principal

ainda é a da servidão. Pandora, que foi a primeira mulher nos mitos gregos, também reflete essa característica, servindo como presente para o homem. Nos dois mitos, tanto de Eva quanto Pandora, serviram para mostrar a mulher e a feminilidade como causadoras de um grande mal, seja através de uma caixa ou de um fruto. Esses mitos serviram muito bem para delimitar o papel do homem e da mulher na sociedade.

A masculinidade então é alçada ao pedestal de hegemonia, sendo diretamente relacionada a um gesto divino, povoam no nosso imaginário mitos e histórias que elevam os homens a heróis e deuses. O papel do homem nos mitos fundantes tem seu valor na virilidade. A palavra "virilidade" tem origem no latim "*virilis*", que significa "masculino" ou "próprio de um homem". Essa palavra deriva do termo "vir", que significa "homem" em latim. Que por sua vez, encontra-se paralelo no termo grego para homem *andreia*.

A *andreia* grega, com suas referências à guerra, à bravura, à dominação sexual, é um quadro valorativo: não mais o homem, por exemplo, mas aquele que "vale" mais, não mais aquele que representa o sexo varonil, mas aquele que representa da melhor forma possível, ou maximamente o masculino. (VIGARELLO, 2013, p.11)

Portanto, "virilidade" está associada à ideia de características e atributos próprios dos homens ou da masculinidade. Existe uma imposição da virilidade em relação aos homens, ao mesmo tempo que é um modelo comportamental, a virilidade é também, uma amarra que nos prende a um modelo que submete os homens a um padrão a ser seguido. "A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. (BOURDIEU, 2018, p.22) Dada a essa natureza, não é de se estranhar quando percebemos como as imposições de gênero beneficiam o corpo masculino, ao mesmo tempo que coloca suas concepções ao corpo feminino, existe um modelo de corpo que pode ser definido como belo e perfeito. A sociedade e, sobretudo, a internet e as redes sociais estão completamente povoadas com referências e elementos estéticos que impõe um padrão a ser seguido. Essa pressão estética valida e invalida os corpos e acaba, por assim dizer, atijando a busca cada vez mais de uma virilidade inalcançável.

Figura 2: Davi, Michelangelo



Fonte: (Google, 2024)

Quando pensamos na construção dessa virilidade associada ao corpo, percebemos que essa imposição não é algo que surgiu no século XXI com o advento da internet, ela sempre existiu. A estátua do Davi de Michelangelo, esculpida entre 1501 e 1504, representa o herói bíblico Davi em um momento de tensa calma antes de enfrentar o gigante Golias. A obra, considerada uma das maiores esculturas da história da arte, é frequentemente interpretada como uma exaltação do ideal masculino, da força física e do heroísmo. Mesmo assim, observamos que há um imaginário que molda o corpo, o Davi de Michelangelo, mesmo representando um ideal de masculinidade, possui traços que não representam a virilidade associada ao século XXI, em nossa sociedade patriarcal marcada pelo falocentrismo, a figura de Michelangelo é ridicularizada. Como explica Maurice Sartre (2013) “a Grécia Antiga impôs um modelo estético onde a nudez masculina ocupa um lugar maior, com a preocupação de um aparente

realismo que valoriza o corpo todo inteiro” (SARTRE, 2013, p.41) portanto era comum representar os deuses e as figuras divinas nus, como exaltação do corpo, e o pênis, que seria em nosso sentido a figura mais proeminente de virilidade, naquela época não eram tão evidenciados, o autor complementa “a nudez dos deuses visa bem mais a exaltação da beleza do corpo masculino do que a colocar em evidência a virtude divina. (SARTRE, 2013, p.41)

A virilidade sempre foi marcada por signos que representavam o falo, seja na figura mais proeminente que é o próprio pênis, como também nas figuras mais subjetivas como Gilbert Durand (2012) nos revelou, as imagens de ascensão que marcam o regime diurno dos símbolos marcam também a representação hegemônica da subida, ou a elevação do pênis quando ereto. Dentro dessa estrutura, o falo representa não apenas a sexualidade masculina, mas também conceitos de poder, fertilidade, criação e vitalidade. É um símbolo que transcende o domínio puramente físico e está ligado à expressão mais ampla da energia criativa e assertiva na psique humana.

Vemos como a atitude imaginativa da elevação, originalmente psicofisiológica, não só faz tender para a purificação moral, para o isolamento angélico ou monoteísta, como também se liga à função sociológica dos processos de elevação. Mas este cetro é igualmente falo. Porque parece, de fato, que é necessário acrescentar à elevação monárquica a noção edipiana de Deus Pai, de Deus grande-macho. (DURAND, 2012, p.137)

Quando pensamos na principal característica desse falocentrismo, percebemos o papel de destaque com o qual ele se insere na sociedade. Representante maior dos atributos masculinos, o pênis subverteu o papel de procriação que o útero tinha para tornar-se o símbolo de fertilidade. De Freyr dos nórdicos ao Pã dos gregos, o falo alcançou seu status divino, tornando-se símbolo de fertilidade e representativo máximo da masculinidade. Porém, essa é apenas uma das facetas representadas pelo pênis, já que, em outras circunstâncias, ele representa um símbolo muito mais perverso para os homens, o da impotência. O pênis como símbolo de poder só existe se estiver ereto, um pênis flácido revela a natureza falha da masculinidade, já que, para ser homem, é preciso mostrar sua virilidade, sempre estando disposto a cumprir seu dever como macho. “Ser homem não é apenas um substantivo. Ele é também um adjetivo no sentido de seu *status*.” (MUSZKAT, 2018, p.45) Nesse sentido, é

crucial que, como homem, ele mantenha ao seu pênis sempre sua virilidade intacta, pois, como adjetivo, precisa ser classificado como tal.

Observando os modelos de virilidade que surgiram e evoluíram ao longo do tempo, percebemos que existem mudanças substanciais na forma que a virilidade se constrói. A história da virilidade passa por diversas transformações, mas não deixa de ser uma instituição vigente que têm no seu interim, concepções bem definidas de como deve ser. Quando pensamos nas instituições segundo Castoriadis, podemos perceber que a virilidade cumpre bem esse papel ao impor um modelo de comportamento, com base nas estruturas simbólicas atribuídas ao gênero masculino, mas vale ressaltar que “a identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos” (SILVA, 2006, p. 122). Sendo assim, somos responsáveis por legitimar e propagar ações que reforçam certos padrões e estereótipos, falar sobre masculinidade hegemônica sem levar em consideração as múltiplas masculinidades afetadas, é ser cúmplice das violências sofridas e causadas pelo patriarcado. Então quando pensamos nesses estigmas que a virilidade imputa as masculinidades, percebemos que o modelo a ser seguido é inalcançável, a masculinidade idealizada pelo patriarcado é inatingível para os homens, ocasionando uma série de problemas que tem como ponto de partida essa busca incessante por uma performance do masculino que seja contemplada pelo sistema patriarcal, esses códigos e símbolos fazem parte de uma estrutura muito bem-organizada como pontuado por Malvina E. Muszkat:

Defendo a tese de que o masculino em nossa cultura é tão subordinado quanto o feminino, embora isso não seja reconhecido como tal no imaginário coletivo. Ambos são subjugados ao conjunto de representações de um imaginário social criado por grupos detentores de poder suficientemente fortes para mantê-los – senão ampliá-los. (MUSZKAT, 2018, p. 8)

Esses problemas de performance são mascarados pela própria cultura que impede os homens de falarem ou comentarem sobre seus problemas. Diferente de mulheres, homossexuais e transsexuais que querem se fazer ouvir, a masculinidade torna-se invisibilizada pois a própria estrutura patriarcal impede que homens falem sobre seus sentimentos. “O patriarcado se tornou uma

estrutura em que nós, homens – revestidos pela ideia de virilidade e da violência usufruída na construção de nossos privilégios -, silenciemos sobre esse tema. (SILVA, 2021, p.99) Toda ideia de virilidade, pensada desde a Grécia Antiga, imputou uma imagem muito característica do que é belo e aceitável excluindo dessa querela toda pluralidade existente de masculinidade, relegando ao local de subordinação e exclusão sobre a égide da virilidade.

Ela espera excluir variações nos comportamentos masculinos e femininos que não se encaixam nos seus preceitos, variando em diferentes momentos históricos numa trama discursiva normativa sobre mulheres e homens, não se constituindo num referencial fixo. É uma relação historicamente móvel e provisória, que contém a masculinidade subordinada, cúmplice e marginalizada. (MATOS, 2001, p. 50)

Esses modelos de masculinidade refletem a crise identitária com o qual a masculinidade hegemônica tende a combater. A fragmentação ocasionada pelo advento dos estudos feministas repercutiu no patriarcado como um todo, a masculinidade foi questionada na medida em que seus símbolos de poder e controle foram colocados em xeque. A fragmentação da masculinidade permitiu o acesso das masculinidades subordinadas, novas visões do masculino e um novo perfil de homem que, diferentemente do macho de outrora, teria a liberdade de demonstrar e sentir. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica é relegada a um local mítico, no qual apenas uma minoria a exerce de fato, porém ela ainda é a norma. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, 245)

Nesse período, o modelo de perfeição humana estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica distinguia o domínio de superioridade do homem e inferioridade da mulher, a qual era concebida como um homem invertido e inferior, um sujeito menos desenvolvido na escala de perfeição metafísica. (SILVA, 2006, p.124)

Podemos observar essas questões quando voltamos nosso olhar para a construção idealizada dessas masculinidades ao longo da nossa história. Quando percebemos os discursos acerca do padrão de masculinidade e da

construção de críticas pontuais que remetem a esse tipo de performance não é difícil enxergar como os movimentos masculinistas compõem o padrão social da masculinidade como sistema. Tais movimentos, estão associados à ‘machosfera’ que nada mais é do que comunidades online e offline voltadas para discutir a masculinidade, relacionamentos entre homens e mulheres, o papel social dos homens na sociedade. Com viés crítico ao feminismo, esse grupo se organiza através de desinformação, teorias da conspiração e misoginia, disfarçada de um discurso de autoajuda. Comentários enaltecendo a masculinidade e a virilidade não são incomuns e o ódio direcionado às mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ se torna cada vez mais presente. Nesse sentido, quando existe a quebra de paradigmas construídos socialmente, surge a represália na forma do discurso contra a “lactação”. Dessa forma, por mais que os movimentos masculinistas não se encaixam perfeitamente na visão de instituição, tal qual Castoriadis (1985) definiu, ainda se convergem quando há a aproximação com o patriarcado em seus valores, ambos enaltecem o papel do masculino, porém os movimentos masculinistas resgatam esse imaginário da masculinidade antes de sua fragmentação.

A ordem impõe ao homem manter-se poderoso diante da mulher, seja como amante ou como senhor. A violência pode ser uma das variáveis dessa equação. O exibicionismo, o estupro, o homicídio e outras formas perversas de erotismo são expressões tipicamente masculinas de abuso de poder. Acrescentem-se a isso a imagem demonizada da mulher e o direito outorgado ao homem de contralá-la sob seu jugo. (MUSZKAT, 2018, p.46)

Os modelos de virilidade, então, estão associados à construção física do corpo e a valorização de elementos que representam a imagem idealizada do homem. Esses elementos por sua vez, compõem toda a carga viril que representa os ideais e valores de uma sociedade. Para os gregos a masculinidade era associada à beleza física e qualidades morais, como pontua Sartre (2013), enquanto para os homens medievais a masculinidade estava associada com a perspectiva da igreja católica, por mais que houvesse resistências. Dessa forma tendemos a perseguir um ideal de masculinidade que sempre esteve no plano das ideias, uma masculinidade imaginada.

Tivemos alguns representantes que exerceram as funções de modelos

viris ao longo do tempo, os guerreiros, por sua vez, associam a masculinidade à força física, coragem, bravura e capacidade de lutar e defender o lar, a comunidade ou a nação. Homens guerreiros são frequentemente vistos como líderes, protetores e exemplos de força e virilidade. Esse modelo está presente em diversas culturas ao longo da história, desde os guerreiros gregos e romanos até os cavaleiros medievais e os samurais japoneses, e são fonte de inspiração para jovens até os dias de hoje, haja vista que as produções culturais povoam nosso imaginário com heróis que nutrem esse aspecto.

Ainda temos mais modelos clássicos de virilidade que servem como exemplos de masculinidade. São eles o homem provedor que é definido por sua capacidade de prover para sua família e lar. Ser um bom provedor significa ter um bom emprego, ser responsável com as finanças e garantir o bem-estar da família. Esse modelo é particularmente forte em sociedades tradicionais e em culturas que enfatizam os valores familiares. E o trabalhador que é semelhante ao modelo do provedor, este modelo valoriza o esforço laboral, a dedicação e a persistência como qualidades masculinas essenciais. Homens trabalhadores são vistos como confiáveis, disciplinados e comprometidos com suas responsabilidades. Esses modelos fazem parte do imaginário de sucesso econômico e financeiro atrelado a figura do bom pai e marido.

Nesse sentido a virilidade então torna-se uma carga que conduz o homem a defesa de sua masculinidade a todo custo como uma forma de defesa contra o discurso que ressignifica a sua heterossexualidade. Sentir-se Homem, com letra maiúscula, o tempo todo deve ser uma tarefa extenuante, pois exige um desempenho ininterrupto com estrito controle para que não se sinta “frouxo”, “bicha” ou corno”. (MUSZKAT, 2018, p.83) Dessa forma, podemos perceber a relação existente entre as questões relativas à masculinidade perpassam a esfera masculina, seja nas questões relativas à virilidade, quanto às questões que afetam o corpo masculino e a autoestima. Correr atrás de uma performance que atenda a essas exigências é uma tarefa árdua da masculinidade, percebemos que um dos maiores motivos de frustração do homem contemporâneo é não se encaixar no que se espera dele como homem.

A virilidade torna-se então responsável por frustrar jovens que buscam excessivamente se adequar aos padrões impostos que são irreais. Hoje percebemos que a existência de vertentes da masculinidade que se adequam

ao que se espera é responsável por fazer com que jovens caiam em discursos extremistas e culpabilizam os outros por um problema que é social. A virilidade é sim responsável por fazer com que existam altos índices de feminicídio e LGBTfobia, mas também é responsável por altos índices de suicídio, fora que, além disso tudo, vemos claros sinais de violência através dos discursos impostos.

1.3 Desconstrução da Masculinidade como Força Física

Quando pensamos nos valores pré-estabelecidos ao longo do tempo no que tange a masculinidade e os modelos de virilidade que nos deparamos ao longo do discurso, percebemos o quanto esses modelos são falhos em relação a construção social do que é ser homem, do macho, do viril, que sintetiza esse imaginário. A masculinidade como exemplo de força nem sempre foi o padrão, por mais que esse modelo sempre volte, a construção da virilidade enfrentou muitos percalços ao longo do tempo.

Quando confrontado com discursos que rompem os valores sociais até então hegemônicos, Guilherme Freire diz que “existe uma pressão social para introduzir certos símbolos que muitas vezes não são símbolos originais mas são a desconstrução de um símbolo que já existia” (FREIRE, 2023, 00:13:53 - 00:14:01) para reforçar, nesse sentido, que existe uma imposição político/social de grupos identitários que impõe a desconstrução dos modelos pré-estabelecidos de masculinidade e virilidade, alterando a ordem social da relação homem/mulher ao questionar os valores conservadores, dessa forma, o discurso vigente visa a desconstrução do modelo de virilidade em prol de uma pauta progressista como propagado pelo discurso masculinista do Guilherme Freire.

Assim sendo, quaisquer manifestações que envolvam outras performances de masculinidades que seja contrária a masculinidade hegemônica é vista como uma deturpação dos valores e da moral da sociedade. O homem, o macho, tem que ser viril e representar os modelos pré-estabelecidos seguindo a ordem patriarcal e machista da sociedade. Porém essa masculinidade idealizada é uma farsa, construída como verdade, cooptando o discurso e impondo valores irrealistas. Violência, agressividade, insensibilidade não são valores da masculinidade, mas são propagadas como se assim fosse, pois

nesse imaginário, somente os homens que atendessem os pré-requisitos de proteção, força, agressividade seriam considerados homens viris, não havia espaço, nesse sentido, para homens sensíveis.

Vivemos em um mundo cujas regras construídas para os homens estão se esgotando. Em que está claramente desenhado um conflito social entre as novas regras propostas pelos novos discursos e aquelas construídas sobre os velhos princípios. Alguns de nós não aceitam mais as antigas práticas (os antigos mapas), enquanto outros as defendem. Outros, ainda, tentam se equilibrar entre elas e os novos códigos. (MUSZKAT, 2018, p.88)

Enquanto pessoas como Guilherme Freire e os irmãos Alba operam sobre um discurso no qual os valores conservadores e idealizados da masculinidade devem ser priorizados, nos deparamos com a realidade social que revela que esses valores, não coincidem com a realidade, pior, acabam por servir de estopim para uma masculinidade violenta e opressiva. A construção social da masculinidade, pautada através dessa perspectiva é o que leva aos discursos de ódio, nesse sentido, a humanidade já deixou bem clara, diversas vezes, sua incapacidade de conviver com o diferente.

Apontar as características de um movimento progressista como o movimento feminista, como um ataque direto ao imaginário masculino é uma forma de caracterizar essa parcela do discurso masculinista que observamos nas redes sociais e nos noticiários. Quando percebemos a possibilidade de uma nova perspectiva sobre o masculino vemos que existe uma resistência, há a transformação do que é ser homem de verdade com o que não se caracteriza como tal e frases como “seja homem”, “isso não é coisa de homem”, “não seja viado” entre tantas outras se tornam o mecanismo por trás do discurso que opera sobre a mentalidade dos homens.

A ideia de uma masculinidade que pressupõe e engloba a heterossexualidade é tão arraigada na nossa sociedade que ser homem significa, entre outras coisas, não ser homossexual. A heterossexualidade surge como pilar importante para a construção da noção de masculinidade. Essa ideia de “não ser homem” também se fazia presente com aqueles garotos considerados “femininos” ou ainda, com outros que, por qualquer razão, não aderiam às normas sociais do que se entende por “ser homem”. (NASCIMENTO, 2022, p. 22)

Consequentemente quando percebemos que existe uma construção simbólica muito mais forte que quaisquer discursos acadêmicos e sociais. O “ser homem” acaba por operar como uma forma de sentença, uma instituição que impede, bloqueia e que transforma a vida de homens e mulheres de tal maneira, que faz com que tenhamos altos índices de violência, feminicídio, crimes de ódio e suicídio. É nessa camada imaginária do qual fala Cornelius Castoriadis que operam as redes simbólicas que subvertem e transformam a realidade social “todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes” (CASTORIADIS, 2010, p.147), as redes simbólicas que constituem o “ser homem” operam, hoje em dia, sobre a égide de discursos conflitantes que, a todo momento, tentam se apossar dessa definição.

No imaginário de virilidade que se complementa os discursos percebemos que existe uma associação de sentido no que tange a cultura masculina, as relações de poder e a virilidade. Quando percebemos os símbolos que estão associadas a construção da virilidade violenta que a masculinidade pressupõe, percebemos que as armas são o fator crucial. A construção cultural da masculinidade no campo da cultura é eficaz nesse sentido ao associar diretamente o universo masculino a violência, guerra e sobretudo as armas. Nesse sentido, as armas são aqui, uma ferramenta de identificação, quando pensamos na semiótica das associações, vemos no fundo a relação intrínseca entre os movimentos emancipatórios e a desconstrução da masculinidade como fatores para radicalização de homens e a violência de gênero. Aliado ao discurso imposto ao masculino, a necessidade de demonstrar virilidade, a pressão por não falhar, demonstra um fator crucial no que tange o imaginário, a virilidade precisa da força, seja ela física ou por intermédio de outros mecanismos de poder. A flexibilização do porte de armas no Brasil, decreto assinado em janeiro de 2019 pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro, por exemplo, faz um apelo a esse imaginário ao propor armar o “cidadão de bem” que nesse caso são os homens.

Homens violentos, homens amedrontados, homens frágeis, homens curiosos e homens que ostentam terço, agora, no fetiche da bala, uma ilusão de solução de seus problemas, reais e imaginados. Esse é o que pode ser chamado de “apelo semântico” da medida. Está em jogo fornecer uma significação, uma identidade para vivências que – tanto em decorrência das conquistas da luta feminista, quanto do real aumento da violência no Brasil e de seu alardeamento sensacionalista – se sentem fraturadas e se imaginam encurraladas, perseguidas. (AMBRA, 2021, p.86)

Em vista disso, a arma, tona-se o instrumento da força, o homem dessa forma passa a exercer o seu domínio de acordo com a arma que empunha, seja contra a violência, na justificativa de se defender, quanto ao exercer o seu controle diante daqueles que julgar que lhes pertencer, no caso, a mulher. Tão verdade quanto isso são os altos índices de violência contra mulher, como noticiada pelo portal G1, assinada por Artur Nicoceli em março de 2024, “Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022”. Como forma de controle, de exercer o seu poder, a masculinidade encontra nesse subterfugio a arma contra seus pesadelos imaginados. Outro fator que envolve as relações de poder inerentes a masculinidade é a transferência de sentido do que se torna virilidade. Se anteriormente os valores estavam associados a força física, a partir do século XX há uma guinada para outros valores, valores intelectuais do homem urbano em detrimento ao homem do campo.

A virilidade metropolitana não só menosprezou os patuás e as rezas, mas também fabricou recursos diferentes dos hábitos e tradições rurais. A própria exibição de destemor encontrou novos meios de ser garantida publicamente, pois, desde o final do século XIX, a imagem de um homem urbanizado, letrado e burguês conquistou um espaço crescente na história do país. (SANT'ANNA, 2013, p. 247)

Nesse sentido, a masculinidade adquiria novas categorias e estaria em constante evolução. A crescente transformação da masculinidade ao longo do século XX ajudou a criar o imaginário que vai influenciar diretamente a visão de declínio perpetuada pelos discursos masculinistas, ressaltando que, os discursos perpetuados por Guilherme Freire, os irmãos Alba e outros nas redes sociais pregam que há um declínio da construção da masculinidade em relação

há modelos conservadores da sociedade. Desse modo a 'machosfera' surge como espaço para esses homens compartilharem seus sentimentos e valores no que diz respeito ao imaginário masculino.

O descontentamento com as pautas progressistas transformou o homem moderno em um ser ressentido, incapaz de alcançar os modelos da masculinidade hegemônica ao mesmo tempo em que se sentem intimidados por mulheres que se empoderaram através do movimento feminista, os homens fecham-se em bolhas sociais ou tribos, como apontado por Michel Maffesoli no qual o discurso seduz e dá importância a essas pessoas.

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas agregações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede. Quer dizer, algo que dá precedência ao calor afetivo, ou que, pelo menos, demonstra que ele tem um lugar privilegiado na estruturação ou no objetivo social. (MAFFESOLI, 2018, p.158-159)

Dessa maneira é possível encontrar esse lugar de acolhimento nos movimentos masculinistas, e percebemos isso nos inúmeros relatos de pessoas inseridas nessas "tribos" que dentro desses grupos encontraram uma explicação para suas frustrações. A reportagem da BBC intitulada "O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres" assinada pela jornalista Jonathan Griffin em 2021 apontam através de relatos esses descontentamentos. Segundo o jornalista à uma relação intrínseca entre casos de violência contra a mulher e associações com esse grupo. Os relatos apresentados nas manchetes reforçam esse tipo de comportamento ao dar voz aos jovens e expor suas frustrações. "O que encontram são um grupo de homens cheios de raiva fortalecendo a ideia de que eles perderam a "loteria genética" e não há nada que possam fazer a respeito". (GRIFFIN, BBC, 2021) A loteria genética nesse caso, diz respeito ao fato deles não se encaixarem no padrão de masculinidade imposta pelo patriarcado, aí cria-se a disparidade entre homens que não se enxergam dentro do padrão e sua incapacidade de observar que o mesmo

sistema que oprimem as mulheres e LGBTQIAPN+ são os mesmos que os oprimem.

Quando observamos os modelos pré-estabelecidos pelo patriarcado que transpõe o imaginário social, percebemos que existem um perfil que segue uma linha de raciocínio que os *incels* por exemplo não se veem representados. Entender essa dinâmica é essencial para compreender as origens da violência contra mulheres e LGBTQIAPN+, pois ela é fruto da disparidade social entre os *incels* e a masculinidade como performance. Nesse sentido a machosfera cria seus próprios demônios, vemos que para os *incels* a figura do ‘Chad’ é o equivalente social do homem perfeito de acordo com o patriarcado, homem esse que possui um maxilar marcante, é alto, musculoso, branco, loiro e bem-sucedido, a figura masculina ideal fruto da idealização da masculinidade. De acordo com Griffin, “os *incels* acreditam que sexo, amor e felicidade estão fora do seu alcance e existem apenas para os outros” (GRIFFIN, BBC, 2021), dessa forma, cria-se a estrutura de nós contra eles que nutrem o ódio perante as mulheres.

Nesse sentido os *incels* representam bem o sentimento de não pertencimento que acomete homens jovens e, majoritariamente, brancos. Ao perceber as mudanças sociais que o século XXI proporcionou no quesito identificação, discursos e narrativas emancipatórias de movimentos sociais e o protagonismo de agentes desses movimentos, adquirindo cada vez mais espaço na mídia, que papel que esses jovens brancos assumem numa sociedade em constante mutação?

Quando Guilherme Freire, os irmãos Alba e outros *youtubers* ou ativistas contra a cultura *woke* afirmam seu imaginário de luta, é para esses grupos de homens que eles se comunicam, homens que viram seu espaço ocupado por pessoas diferentes e que não se sentem pertencentes mais a esse local. Homens que em sua vez de exercerem controle e dominância, viram as mulheres os rejeitarem, se depararam com pessoas LGBTQIAPN+ ocupando espaços que antes eram deles, testemunharam também pessoas negras e descendentes de povos originários, entrando nas universidades e ocupando espaços que antes os excluía. Essa frustração é a soma do sentimento perdido de uma masculinidade que não se apoia nos modelos pré-estabelecidos, com o

sentimento de não pertencimento, de ser excluído pelas narrativas e pelo discurso. Não se enxergam no modelo padrão, não se enxergam nos movimentos sociais, caem no discurso que apontam um inimigo, apontam um responsável pelos seus problemas.

Também parece haver proximidade entre a cultura "incel" e o movimento antifeminista e hipernacionalista da extrema direita. Esses dois movimentos veem o mundo pela lente da genética de grupo, com estereótipos raciais, e se consideram grupos minoritários difamados injustamente e atacados pelo politicamente correto. E eles compartilham o mesmo senso de humor, praticamente sem filtros. (GRIFFIN, BBC, 2021)

A construção social do masculino encontra esses percalços, porém é na procura de um inimigo em comum que o patriarcado põe suas garras. Os movimentos masculinistas discursam sobre uma guerra cultural, um enfrentamento que ocorre no simbólico e que ameaça a hegemonia masculina. Essa guerra cultural envolve as pautas identitárias como os movimentos de emancipação, portanto, nesse sentido, a machosfera surge diante das intempéries do discurso para colocar a masculinidade de volta em seu pedestal de controle social e de destaque.

2 Virilidade Ameaçada: a machosfera e a cultura woke

A masculinidade é um constructo e como toda construção, detém pilares que servem como vigas de sustentação desse edifício e estas servem de apoio a um imaginário geral de masculinidade que permeia essa construção, sustentando a ideia de masculinidade através dos alicerces que compõem esses imaginários. Masculinidade hegemônica, masculinidades subordinadas, masculinidades tóxicas e transmasculinidades, por exemplo, todas são manifestações performáticas de masculinidade que compõem os andares desse edifício que é “ser Homem”, esse com H maiúsculo, que serve como ponto central do que significa a masculinidade no geral. Porém, esse chamariz chamado Homem, não serve mais, não se sustenta em um mundo de fluidez de identidade, multicultural, e que permite, e de certa forma exige em seu interior,

ser plural.

O século XXI possibilitou essa mudança, e a quebra de paradigma da masculinidade ganha força nesse século. Vimos a crise da masculinidade hegemônica e observamos seu desenvolvimento ao longo do século XX através dos estudos feministas. A masculinidade servindo como ponto central das discussões relacionadas ao poder, a desigualdade entre os sexos, à emancipação de estudos LGBTQIAPN+ entre tantas outras. Nesse sentido, os estudos avançaram ao propor desmistificar a masculinidade como mito, ao revelar as relações de poder que permeiam a construção do patriarcado e da masculinidade hegemônica como ponto central dessa construção.

Dessa pluralidade nasce o conflito, no mesmo sentido em que a fragmentação da masculinidade hegemônica permitiu que suas múltiplas performances surgissem também gerando o efeito oposto, enrijecendo a masculinidade hegemônica que, em seu anseio por deter o grau de importância na masculinidade no geral, estrangula as outras performances através do controle do poder, do discurso e do confronto direto com os discursos feministas e LGBTQIAPN+. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica encontrou em grupos e fóruns a ferramenta para exercer seu controle, utilizando de sua fragmentação como ponto de partida para demonstrar como os movimentos sociais são responsáveis pela destruição da masculinidade, do papel do homem na família e das mazelas do mundo. Utilizando-se das lutas identitárias como bode expiatório, a masculinidade hegemônica cria um inimigo para o qual os homens, frustrados pela sua posição social, podem direcionar seu ódio e violência.

2.1 Masculinidades Tóxicas: os *Redpill* e a machosfera

A machosfera é uma comunidade, abrigando em suas pautas uma miríade de performances de masculinidade que propõe debater o espaço social do homem em suas mais variadas instâncias. A machosfera é um local de acolhimento, de aperfeiçoamento e de debate, mas existe uma condição, ela surge como uma forma de combater o movimento feminista e possuindo várias nuances, porém o que está mais associada a essa esfera é sua participação política/identitária e sua associação a *alt right*, ou seja, a extrema direita

alternativa, sendo uma ala do complexo populista do espectro político direitista.

Este complexo é uma reunião “não apenas de partidos, movimentos ou organizações, mas também de discursos midiáticos, narrativas e formas de ação” que compartilha uma obsessão com questões de gênero não só ligadas a discussões étnico-raciais, mas também de sexualidades em diferentes âmbitos. (VILAÇA; d’ANDRÉA. 2021, p. 9)

Seja em função da sua posição política em detrimento da ascensão das pautas identitárias muito associadas ao espectro político da esquerda, a machosfera surge então como um contraponto, partindo de um discurso inicialmente positivo, no sentido de debater o espaço social do homem em plenas mudanças sociais, porém deturpado no sentido de direcionar a culpa do deslocamento social masculino para as mulheres à princípio, e posteriormente a tudo que está associado as pautas da esquerda no geral.

Diante da ascensão da alt right e dos discursos de ódio propagadas pela vertente mais conservadora da sociedade, a *redpill* surge nos fóruns anônimos como *reddit* e os *chans* como uma filosofia que busca na masculinidade seu lugar de disseminação. Produzindo conteúdo para uma masculinidade frustrada com os desdobramentos sociais, direcionando o discurso de ódio para mulheres e LGBTQIAPN+, pautando questões raciais, serve como um porto seguro para homens falarem de seus sentimentos e expor suas opiniões.

A *redpill* é uma “filosofia” baseada no filme das diretoras Lily e Lana Wachowski chamada de *The Matrix* (1999). No filme o protagonista interpretado pelo ator Keanu Reeves, Neo, é confrontado pelo personagem Morpheus, interpretado pelo ator Laurence Fishburne, que dentre duas opções deve fazer uma escolha, tomar uma pílula azul que fará com que ele continue seguindo sua vida normalmente aprisionado em ignorância, ou tomar a pílula vermelha e ver a verdade oculta do mundo e assim, parafraseando o personagem Morpheus, “adentrar mais fundo na toca do coelho”, uma alusão a Alice no País das Maravilhas.

Essa metáfora foi adaptada por movimentos online, como o *redpill*, para descrever a ideia de que homens estariam sendo enganados por uma ‘matrix’ cultural que promove o feminismo, a igualdade de gênero e outras normas sociais modernas. Para esses grupos, ‘tomar a *redpill*’ significa perceber o que

eles acreditam ser a ‘verdade’ sobre o papel dos homens e das mulheres, especialmente no que diz respeito à dinâmica de poder, relacionamentos e o lugar do homem na sociedade. As próprias criadoras do filme Lana e Lily Wachowski, que são mulheres transexuais, criticaram a associação do filme com o movimento *redpill*, dizendo que a narrativa original do filme era sobre liberdade, identidade e a busca por si mesmo, não uma luta anti movimentos progressistas.

Figura 3 – Morpheus oferece as pílulas para Neo



Fonte: (Google, 2024)

À vista disso, a pílula vermelha, ou *redpill*, se tornou sinônimo para aqueles que enxergaram a verdade oculta, são os chamados ‘redpillados’. Esse grupo surge de uma necessidade de buscar prestígio social com as mulheres e a inadequação de conquistá-las. Fruto de um sentimento de frustração diante das novas dinâmicas sociais, os *redpill* se vendem como “coaches” de relacionamento, utilizando técnicas de “conquista” em uma espécie de “gamificação” das relações e dos sentimentos.

Outros produtos da cultura pop também foram apropriados pelo movimento *redpill* e outras comunidades da machosfera. *Clube da Luta* (*Fight Club*), dirigido por David Fincher e lançado em 1999, é um filme cult baseado no romance homônimo de Chuck Palahniuk. O filme segue o protagonista sem nome (interpretado por Edward Norton), que está preso em um estilo de vida

alienado e consumista. Ele sofre de insônia e, em busca de uma conexão emocional, começa a frequentar grupos de apoio. No entanto, sua vida toma um rumo inesperado ao conhecer Tyler Durden (Brad Pitt), um carismático fabricante de sabão, com quem forma o clandestino "Clube da Luta", onde homens se reúnem para expressar sua frustração através de lutas físicas. O filme representa a busca desesperada dos homens por uma maneira de se reconectar com sua virilidade em um mundo que, segundo Tyler Durden, castrou a masculinidade por meio do materialismo e das convenções sociais. O filme também critica o conformismo da sociedade capitalista, revelando a insatisfação com a cultura do consumo.

Somos uma geração de homens criados por mulheres”, demonstra tanto a decadência do pai enquanto elemento necessário na família concreta quanto a decadência da imago paterna. Tal se reflete ao longo de todo o filme, no que concerne à desobediência à Lei e às normas sociais. Todo o filme remonta transgressões às normas sociais. A ausência simbólica do pai é tal que chega-se ao questionamento da necessidade de ainda ter-se um pai. (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2011, p.854)

Assim sendo, Tyler Durden torna-se uma figura idealizada de resistência ao que eles consideram uma sociedade que “castra” a masculinidade. Os *redpill* e a machosfera veem o Durden como o arquétipo do macho alfa, alguém que rejeita a conformidade, desafia o consumismo e os papéis tradicionais, buscando uma forma de liberdade existencial por meio da violência e da autossuficiência. Na realidade, o filme, assim como *The Matrix*, é mais uma crítica à alienação social e aos modelos de identidade rígidos.

A crise da masculinidade possibilitou que o discurso associado a extrema-direita ganhasse a mentalidade dos homens inseridos nesse sistema, pois ao associar o declínio da masculinidade ao discurso progressista, relacionado muitas vezes aos movimentos identitários, a ideia de guerra cultural ganhou força e escopo, transformando pautas sociais em um ataque direto à família e ao modelo conservador de sociedade. Fermentando o descontentamento diante dos movimentos progressistas, que a muitas custas ganharam o mínimo de visibilidade, têm-se dessa forma um complexo sistema de combate no qual a extrema-direita propaga suas intempéries sem ao menos serem combatidas. A internet tornou-se o campo de batalha no qual os influenciadores, “*coaches*” e

toda sorte de “especialistas” propagam a narrativa de que existe uma conspiração global da grande mídia que têm como objetivo forçar um identitarismo nas pessoas através da cultura woke, na justificativa do próprio André Alba existe um enfraquecimento da figura masculina em relação à figura feminina.

Um dos braços da cultura woke é o enfraquecimento da figura masculina e o fortalecimento ou até mais diminuir a figura masculina para você empoderar a figura feminina. Você pode trazer vários exemplos da questão da figura feminina, o He-man entra, a Trinity entra, predador entra. (ALBA, 2023, 00:19:24-00:19:44)

Em vista disso, caberia aos homens o papel de combater esse enfraquecimento utilizando-se da masculinização dos elementos culturais fortalecidos nas figuras que representariam esse ideal de masculinidade, por exemplo, figuras como o He-Man, Rambo, Superman entre outras figuras que, por sua vez, serviriam como modelos de uma masculinidade viril. No exemplo citado pelos irmãos Alba no podcast, percebe-se um descontentamento em relação as produções culturais que entrariam nesse campo da indústria cultural. Surge então nos fóruns, na internet e no debate social que se agrupam nesses polos de discussão da *alt right*, uma teoria da conspiração que diz que há um movimento global para a destruição do conceito de família e da figura masculina por parte das grandes corporações, essa teoria é respaldada pelo viés de confirmação do que a cultura woke se transformou, cria-se então um sentimento de perseguição que é alimentado pelo medo e pelo enfraquecimento do poder patriarcal, mas ignora-se o fato de que os elementos que os movimentos masculinistas tanto denunciam é alimentada pelo sistema capitalista que eles tanto defendem.

Quando voltamos nosso olhar para essa ‘bolha’ que a internet criou a respeito dos movimentos masculinistas, percebemos seu impacto e influência nas comunidades que consome esse tipo de conteúdo. Canais do *youtube* de extrema-direita somam milhões de visualizações com temas relacionados a cultura woke. Graças aos mecanismos de monetização que as empresas como Youtube, Meta e o X (antigo *twitter*) disponibilizam para os criadores de conteúdo, criar polêmicas relacionadas a conteúdo voltados para o público nerd e geek,

tornou-se uma importante fonte de renda. Mesmo o podcast Inteligência Ltda somam mais de 4,6 milhões de inscritos, e o podcast com os irmãos Alba somam mais 728 mil visualizações. O próprio canal dos irmãos Alba, focada especificamente em conteúdo masculinista direcionado ao público nerd/geek possui 381 mil inscritos e 2,4 mil vídeos publicados.

Será necessário dizer, como convém, que os grupos que constituem as massas contemporâneas não têm ideal? Talvez fosse melhor observar que eles não têm uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade. Cada grupo, é para si mesmo, seu próprio absoluto. (MAFFESOLI, 2018, p.163)

Nesse sentido, ao observar as dinâmicas culturais envolvendo os discursos masculinistas nas redes sociais, percebemos a difusão em fóruns de internet que afetam a dinâmica social, ignorar as redes sociais e seus discursos é ignorar parte fundamental da construção social das pessoas. O papel das redes sociais e dos canais de *youtube* ganharam uma nova perspectiva com o descentramento dos agentes do poder e a criação de uma multicultura, para o bem ou para o mal o papel desses veículos contribui para a disseminação de novas ideologias, como apontado por Manuel Castells.

Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade autoridade, valores tradicionais, ideologia política. Não que desapareçam, mas são enfraquecidos a menos que se recodifiquem no novo sistema, onde seu poder fica multiplicado pela materialização eletrônica dos hábitos transmitidos espiritualmente: as redes de pregadores eletrônicos e as redes fundamentalistas interativas representam uma forma mais eficiente e penetrante de doutrinação em nossas sociedades do que a transmissão pelo contato direto da distante autoridade carismática. (CASTELLS, 2023, p.457)

Torna-se um esforço hercúleo então, combater discursos preconceituosos de forma satisfatória sem recorrer a mídia de massa. Num contexto globalizado, esses discursos masculinistas engajam mais do que qualquer forma de contato direto como, por exemplo, educador e aluno, ou pais e filhos. Os discursos online têm sido cada vez mais decisivo nos debates em todas as esferas da sociedade,

vemos mobilizações em torno de esferas políticas que vieram das redes, portanto a internet tornou-se um instrumento muito eficaz de disseminação de ideias e a criação de novas masculinidades.

Sendo uma força de mobilização intensa nas redes, os discursos masculinistas caíram nas graças da extrema-direita, que incorporou em seu discurso um viés retrógrado no sentido de guerra cultural. Quando observamos as *thumbnails* do *youtube*, percebemos que existe um esforço para gerar um sentimento de “guerra contra inimigos que estariam corrompendo valores da sociedade” (GERÔNIMO, 2022, p.5), de certa forma, esse pânico ajuda a crescer o algoritmo e gerar cada vez mais acessos, fomentando a plataforma a disseminar cada vez mais conteúdo do gênero.

Muitos meninos crescem acreditando que sempre existe, e sempre existirá, alguém para se combater, inculcando neles uma mentalidade de “matar ou morrer”, outro elemento da masculinidade tóxica. Essas pressões normalmente começam desde muito cedo e continuam reverberando até a vida adulta, em uma tradução que sai do mundo virtual e vai para o de carne e osso. (BOLA, 2022, p. 83)

Essa construção do inimigo sendo aquele que contraria os valores e ideias e colocam na mentalidade masculina a hegemonia da força, faz com que discursos progressistas sejam vistos como uma maneira de feminilizar a masculinidade vigente. Buscando através desses discursos um retorno a uma masculinidade tradicional rígida, no qual baseia-se os estereótipos de força física, autoridade e controle, a extrema-direita vincula o declínio da sociedade ao enfraquecimento da figura masculina, colocando como inimigo aqueles que lutam pela igualdade de gênero e movimentos feministas.

Mas essa história é importante por que essa história de neutralidade, por que vocês estão reclamando disso, não dá pra só fingir? Cara porque está acontecendo né?! Essa neutralidade não é boa, fingir que está em cima do muro é do capeta bicho, se você não tomar uma decisão na sua vida você vai ser engolido por uma série de pautas ideológicas que vão vir de toda parte, que vão te atacar, que você não vai saber de onde tá vindo. (FREIRE, 2023, 02:26:45- 02:27:01)

A própria compreensão de que os movimentos masculinistas servem como um escudo contra ideologias progressistas aumentam a percepção de que a masculinidade e os homens são um grupo perseguido. Dessa forma, na prática, os discursos masculinistas influenciam a agenda política da extrema-direita, promovendo leis e políticas que visam reverter ou bloquear avanços em igualdade de gênero, como o combate à violência contra as mulheres, a defesa de direitos reprodutivos e o incentivo à equidade no mercado de trabalho.

2.2 Lacração e Cultura Woke: quando não é mais legal ser macho

Os “lacrolas” como os irmãos Alba se dirigem no podcast é uma forma pejorativa de designar as pessoas que envolvem pautas identitárias em produções culturais, segundo eles, esse envolvimento vem em um sentido de deslegitimar a posição do masculino, que mostra questões que não deveriam estar associadas a mídia que eles consomem. Os “lacrolas”, nesse sentido, são aqueles que pautam questões étnico-raciais, direito das mulheres, LGBTQIAPN+ no geral, em produções culturais como filmes, séries e jogos de videogame. Nesse sentido, só no canal Inteligência Ltda. quando utilizamos a palavra-chave ‘Cultura *Woke*’ existem os seguintes vídeos e cortes do canal:

Quadro 1 – Cultura woke no Inteligência LTDA

Episódio/ Corte	Thumbnail	Visualização	Entrevistado
O que a Cultura Woke não te conta	Sabe por que todos os personagens estão sendo lacrados?	81.563	Guilherme Freire e os irmãos Alba
A relação do Cristianismo com a Cultura Woke	A Cultura Woke está destruindo as crianças, sabe por que?	151.553	Guilherme Freire e os irmãos Alba
A cultura Woke é só bobagem ou não?	Ninguém aguenta mais as mulheres fodas nos filmes!	276.457	Guilherme Freire e os irmãos Alba
Como a cultura Woke enfraquece a sociedade?	Daqui alguns anos as pessoas vão considerar o Lula de direita porque...	53.018	João Nogueira (Rasta)
O que não te contam sobre a Cultura Woke	Nos filmes atuais, os homens sempre são idiotas! Sabe por quê?	512.491	Guilherme Freire
A cultura Woke estragou as personagens femininas? A jornada do Herói	O maior problema das personagens femininas hoje é...	57.258	Affonso Solano, Jurandir Gouveia e Guilherme Freire
Você sabe o que é a Cultura Woke?	Quem acredita na cultura woke é a direita!	31.035	Guilherme Freire e os irmãos Alba
Você sabe o que é a cultura Woke?	Hollywood tá querendo lacrar nos filmes ou não?	277.829	Peter Jordan
A cultura Woke se infiltrou no Universo Marvel?	O MCU pode acabar muito em breve por causa de um detalhe...	70.459	Guilherme Freire e os irmãos Alba
A cultura Woke sempre existiu nos filmes? Descubra!	A verdade por trás das polêmicas do filme Som da Liberdade é...	33.692	Jurandir Gouveia
Guilherme Freire - episódio 847	Guilherme Freire	1.731.726	Guilherme Freire

Percebemos através desses dados que as *thumbnails* dos vídeos são parte fundamental desse engajamento pois chama a atenção através da polêmica. Ao colocar uma *thumbnail* extremamente chamativa, o canal garante através desse recurso que o vídeo seja assistido e comentado, vale lembrar que a monetização é um fator crucial e não necessariamente o entrevistador Vilela concorda com o que os entrevistados dizem, porém ao garantir que o vídeo seja comentado, assistido e receba *like* ele garante a monetização. Sendo assim, explorar temas polêmicos ou entrevistar personalidades polêmicas, gera engajamento e uma fonte de renda.

Um fato curioso é a ausência de mulheres ou pessoas LGBTQIAPN+ nos debates a cerca desse tema, o fator determinante nesse sentido seria o

alinhamento político dos entrevistados, sendo em grande maioria autodenominados do espectro político da direita, conservadores e/ou reacionários. Além do fato de que todos são homens heterossexuais e cisgênero, contribuindo para que o discurso seja mais influente para esse grupo em específico.

No corte “O que a Cultura *Woke* não te conta” protagonizado pelo Guilherme Freire, ele defende, por exemplo que existe um movimento que visa desconstruir os símbolos existentes, buscando “dissolver o conteúdo histórico, o conteúdo moral vinculado a esses símbolos”. (FREIRE, 2023, 00:01:25-00:01:36) Ele sustenta que os símbolos que representam determinados personagens da cultura popular são inalteráveis, que não deveriam ser adaptados de forma a permitir uma maior representatividade. Assim sendo, a cultura *woke* estaria destruindo os valores tradicionais ao colocar em personagens pré-estabelecidos outras etnias, sexualidades e gêneros. Essa rusga se deve ao fato de as produções culturais estarem cada vez mais plurais em questões de gênero, sexualidade e etnia, como por exemplo a nova produção baseada no universo de Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien, intitulada Anéis de Poder (e veiculada no streaming Prime Vídeo da Amazon) onde temos a figura de Arondir, personagem interpretado pelo ator Ismael Cruz Córdova, onde pela primeira vez, vimos um elfo com pele negra.

Figura 4 – Arondir: Anéis de Poder



Fonte: (Google, 2024)

Guilherme Freire justifica as críticas à escalação do intérprete de Arondir para o papel de um elfo, pois para ele o 'Senhor dos Anéis' não é uma obra ultra diversa porque a terra média se passa na idade média europeia, e tanto o período histórico quanto a localização não possuíam tal diversidade, portanto a existência de um elfo de pele negra seria incompatível com a narrativa da obra (FREIRE, 2023). Lembrando que, o senhor dos anéis é uma obra de fantasia no qual existem seres como elfos, anões, orcs, dragões entre outras criaturas fantásticas. Ao representar personagens etnicamente diversos no universo de fantasia como 'Senhor dos Anéis', isso na visão dele, é uma forma de deslegitimar e desconstruir a figura simbólica do elfo como brancos.

Outro exemplo citado, é do mais recente filme da franquia predador intitulado 'Predador: A caçada (2022)', no qual a atriz Amber Midthunder interpreta a personagem Naru, que enfrenta a ameaça alienígena do predador. Esse filme, muito comparado com a primeira obra da franquia 'O Predador' (1987) protagonizada pelo ator Arnold Schwarzenegger, que levantou a questão acerca da construção da força masculina ao colocar em debate o fato da personagem Naru, sendo originária de uma tribo norte-americana, lutar de igual para igual contra o alienígena, sendo que, o personagem do Arnold Schwarzenegger no filme de 1987 teve tanta dificuldade em enfrentar o alienígena da mesma espécie. O filme torna-se um problema na visão dos irmãos Alba do canal Linhagem Geek ao colocar a mulher como essa figura a enfrentar essa ameaça.

Figura 5 – Naru, Predador: A caçada (2022)



Fonte: (Google, 2024)

Quando pensamos na construção simbólica do patriarcado percebemos como os movimentos conservadores associados a *alt right* e a extrema-direita são fatores cruciais para a manutenção do *status quo* da sociedade. Toda e qualquer produção que visa desconstruir os valores pré-estabelecidos de gênero, raça e sexualidade, será automaticamente associada a cultura *woke*, como se essas produções tivessem um papel fundamental na destruição da figura mítica do homem e da família nos moldes tradicionais. Como Gerda Lerner (2019) exemplifica, as estruturas simbólicas que sustentam a visão de mundo foram criadas pelo homem e para os homens, colocando a mulher como papel secundário, relegada ao ostracismo.

Onde não existe precedente, não se pode imaginar alternativas às condições existentes. É essa característica da hegemonia masculina que é mais prejudicial às mulheres e lhes garante o *status* de subordinadas há milênios. A negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente (LERNER, 2019, p.273)

Para Guilherme Freire existe uma pressão das produções culturais para não retratarem as mulheres com atitudes associadas ao feminino. “Absolutamente tudo que é materno, feminino e delicado, tem que ser excluído dos filmes” (FREIRE, 2023, 00:26:40- 00:26:46) como se a experiência feminina tem que ser exclusivamente associada a esses estereótipos, ignorando o fato da construção social do patriarcado e da apropriação dos elementos simbólicos que

constituem a nossa mentalidade. O humorista Alba Expider (2023), do Linhagem Geek, complementa que existe um padrão na indústria de colocar personagens femininas com papéis que fogem desses estereótipos, ignorando anos de produções que reforçaram na mentalidade das mulheres, papéis de subserviência. “E aí você vê o Vilela, a Rey, a Galadriel, a menina do Predador Naru, a Teela do He-man, são todas iguais, aí você percebe um padrão”. (EXPIDER, 2023, 00:27:13-00:27:25)

Eles defendem que para que as mulheres alcancem esses papéis de destaque, os homens, no geral, tornam-se completos idiotas (FREIRE, 2023). A concepção de que as estruturas não podem ser alteradas fazem com que a simples concepção de mudança seja associada a destruição dos valores estabelecidos. A desconfiança com o diferente é o elemento principal na construção do preconceito disfarçado de cautela, a simples menção de mulheres desempenhando papéis de destaque em produções culturais ou a concepção da existência de elfos de pele negra em uma série de televisão é motivo o suficiente para que tais homens, sintam-se ameaçados e fiquem na defensiva.

Percebe-se que existe um ressentimento por parte dos homens ao perceberem que a masculinidade e a virilidade, não são mais o foco das histórias. Os movimentos sociais fizeram sua parte ao questionar as produções culturais e suas influências na construção da identidade e mentalidade dos jovens na medida em que colocam personagens que fogem do padrão em suas produções. A alienação que internalizou o patriarcado como imaginário social, fez com que os homens se sintam perdidos ou com o sentimento de que o mundo em que foram ensinados a acreditar, onde os homens têm certos direitos sobre as mulheres, está desmoronando, mas não conseguem conceber alternativas. Estão alienados de sua própria capacidade de imaginar um mundo diferente, porque suas identidades estão fortemente ligadas a um conjunto específico de instituições e normas.

Quando enfatizava que a lembrança das gerações passadas pesa fortemente na consciência dos vivos, ele indicava ainda essa forma particular do imaginário que é o passado vivido como presente, os fantasmas mais poderosos do que os homens de carne e osso, o morto que se apodera do vivo, como gostava de dizer. (CASTORIADIS, 1987, p.160)

O mesmo tipo de reclamação pode ser observado no universo dos videogames quando, em 2020, lançou o segundo jogo da franquia de videogames da Sony/Playstation, intitulada de *The Last of Us*. Nele a protagonista Ellie Williams assume papel de destaque no lugar de Joel Miller e gerou revolta por parte do público que detestou a mudança, pois além de mulher a Ellie é lésbica. Além de incluir uma personagem abertamente homossexual, o jogo retrata também mulheres fora do padrão como a personagem Abby, que foge do estereótipo feminino ao ser representada de forma musculosa, e um personagem transexual que põe em debate a normatização de gênero, como apontado pela matéria do site Gamer Blast.

Figura 6 - Abby, *The Last of Us 2*



Fonte: (Google,2024)

Esse ódio por parte da comunidade reforça apenas que se as produções estiverem de acordo com o pré-estabelecido pelo patriarcado, estarão isentas de críticas, caso o contrário, será rechaçada e associada a cultura *woke* ou lacração. A subversão do mito do herói sendo esse interpretado por uma figura feminina gera a ojeriza da perda do espaço de discussão. Os homens não enxergam na figura da mulher elementos que correspondem à figura do herói: a força, a coragem, a inteligência e a persistência. Quando esses elementos estão

associados a uma figura feminina, é motivo o suficiente para que os homens já não vejam com bons olhos esse produto cultural. Todo esse esforço para justificar o preconceito quando se trata de representatividade na cultura pop, faz parte dos discursos que são disseminados na internet. Os altos índices de visualização nos vídeos do canal Inteligência LTDA são um reflexo da mentalidade que se insere nas mentes de homens e mulheres que corroboram com o discurso de exclusão e de cultura *woke*. Personagens que fogem do padrão são completamente rechaçados nos debates ao ponto de gerar uma ruptura por parte das narrativas.

Vale ressaltar o mais recente caso, que é o do mais recente protagonista da série de jogos da empresa francesa Ubisoft intitulada 'Assassin's Creed'. O último jogo da franquia que tem previsão de lançamento para 2025 ambientado no Japão do século XV, será protagonizado por 2 personagens, o samurai Yasuke e a ninja Naoe. As discussões em torno do jogo foi a legitimidade da condição de samurai do Yasuke que é um ex-escravizado que foi apadrinhado pelo senhor feudal Oda Nobunaga. Yasuke é um personagem histórico retratado em inúmeros contos e foi intitulado como o único samurai negro do Japão. Esse fato foi suficiente para que a comunidade classificasse o jogo como lacração, pois não há 'fontes históricas suficientes para dizer que Yasuke era de fato um samurai'.

Figura 7- Yasuke, Assassin's Creed Shadows



Fonte: (Google, 2024)

O debate acerca da legitimidade da condição de samurai de Yasuke foi tamanha que se ignorou o fato de que o jogo, por mais que tenha uma ambientação histórica, ainda é uma obra de ficção. Porém nada disso foi levado em consideração pois o debate girou em torno da lacração e da cultura Woke. A matéria do IGN Brasil questiona o fato de que a discussão acerca do lançamento do jogo, nada mais é que racismo e misoginia por parte da comunidade gamer.

Nesse sentido, a cultura *woke* serve como um espantalho para as frustrações do homem branco cisgênero, que atribuí a condição de fragmentação da masculinidade e o dilema de se inserir em um mundo no qual os modelos pré-estabelecidos do patriarcado não são mais sustentados. O ódio e a violência para com as produções culturais, revelam apenas como a masculinidade está em um processo de transformação.

2.3 Ódio e violência: entre masculinismo e masculinidades

Percebemos que a construção da masculinidade foi pautada através da violência, da demonstração de força e de poder. Desde a construção simbólica da masculinidade que moldaram as dinâmicas sociais através de seus símbolos, quanto a experiência concreta dos homens, a disputa e a competição sempre estiveram presentes. Demonstrações de violência estão intimamente associadas a virilidade, a questão da masculinidade é o quanto essa agressividade tornou a experiência masculina, uma experiência traumática.

Quando a machosfera cita que existe um processo de opressão da masculinidade, ela insere nesse contexto que a experiência masculina vem sendo constantemente atacada, menosprezada e diluída. Essa construção como abordado nos capítulos anteriores, fez com que os elementos necessários para fomentar um sentimento de perseguição fosse a florado e esses grupos estão tentando reafirmar ou resistir à mudança desse imaginário, à medida que as instituições que sustentavam o poder masculino (como o patriarcado) estão sendo desafiadas pelas mudanças culturais e pelos movimentos feministas.

Esse desejo que todo mundo que critica isso imediatamente é o seguinte é reacionário, monstro, o cara é um monstro e tal, extrema direita, o cara é preconceituoso, o cara tem "x" aí começa uma lista destilando ódio contra a pessoa. (FREIRE, 2023, 00:16:42-00:16:55)

O que não se percebe no caso é que as obras culturais transmitem uma mensagem, toda e qualquer forma de comunicação está sujeita ao discurso, e o discurso, por sua vez, à ideologia. Se os sistemas simbólicos correspondem a capacidade de dar significado ao mundo, como bem elaborado por Castoriadis (1987), a ideologia é transmitida através das produções, sendo em parte responsável pela construção social do sujeito. Se uma obra é misógina, racista ou homofóbica, o discurso que gira em torno dessa obra, estará carregada com esses preconceitos.

Podemos igualmente dizer que a combinação dos signos resulta do sentido, pois enfim o mundo não é só feito de pessoas que interpretam o discurso dos outros; para que aqueles existam, é preciso primeiro que estes tenham falado, e falar já é escolher signos, hesitar, corrigir-se, retificar os signos já escolhidos – em função de um sentido. (CASTORIADIS, 1987, p.167)

Logo o discurso esperado está presente nas obras, seja ela preconceituoso e problemático ou não quando a comunidade percebe a ideologia presente, acaba por definir se aquela obra é *woke* ou não, se possui lacração ou se é politicamente incorreto, como por exemplo a franquia Harry Potter, no qual a autora, J.K. Rowling é ativamente transfóbica nas redes sociais e utiliza de sua fortuna e influência para disseminar preconceito. São inúmeros os casos de transfobia por parte da autora, sendo o mais recente contra uma atleta argelina nas Olimpíadas de Paris, criando, por fim, uma rede de ódio que coopta outras pessoas que talvez nem gostem de Harry Potter, mas que acabam consumindo a marca por se identificarem com a transfobia da autora, e a obra, portanto, torna-se um símbolo.

O jogo de videogame chinês *Black Myth: Wukong* (2024) da empresa *Game Science*, causou controvérsia após um comentário do CEO do estúdio, Féng Jì, apontado pelo portal de notícias The Enemy, onde o executivo diz que “não precisamos ser direcionados reversamente às jogadoras mulheres, não nos preocupamos com aqueles vermes cobiçosos”, completando ainda sua fala dizendo que “algumas coisas foram feitas apenas para homens. Eles são oprimidos, estão nervosos e sofrendo.” Parte desse comentário, surge da ideia de que os homens estão sendo rechaçados, então alguns grupos passaram a

rotular o jogo como "anti-woke", posicionando-o em oposição àquelas tendências de inclusão e diversidade que criticam.

O termo "anti-woke" tem sido usado por certas comunidades que se opõem à inclusão de temas sociais progressistas em videogames e outras mídias. Esses grupos veem o movimento "woke" como uma ameaça à liberdade criativa ou à tradição de determinadas narrativas. Eles defendem que os jogos não deveriam ceder às pressões externas para incluir personagens ou temáticas mais diversas, e no caso de *Black Myth: Wukong*, algumas pessoas enxergaram a controvérsia como uma oportunidade de posicionar o jogo contra essas demandas sociais.

Muitos membros da comunidade "anti-woke" acreditam que as críticas à representação de minorias, mulheres ou questões sociais em jogos são excessivas. Eles veem isso como parte de uma cultura do "politicamente correto" ou da "censura", onde a liberdade de expressão dos desenvolvedores é suprimida para se adequar às normas sociais progressistas. Quando um jogo apresenta estereótipos ou narrativas tradicionais, eles o abraçam como uma forma de resistir a essa tendência e acreditam que a inclusão de personagens diversos ou a abordagem de temas como racismo e sexismo tiram o foco do que, em sua visão, é a verdadeira essência dos videogames — diversão escapista. Quando um jogo não se preocupa em ser inclusivo, eles o veem como uma forma de manter essa "pureza" do entretenimento.

Muitos jogos que reforçam estereótipos de gênero e raça, como a hipersexualização de personagens femininas ou a representação estereotipada de minorias, são defendidos porque representam uma tradição em certos gêneros de jogos. Comunidades "anti-woke" geralmente defendem a preservação dessas tradições como parte da identidade dos jogos que consomem, vendo qualquer mudança como uma ameaça a essas convenções que eles consideram essenciais, como é o caso do jogo sul-coreano *Stellar Blade*, desenvolvido pela empresa Shift Up, que conta com a personagem Eve que é hipersexualidade e foi abraçada pela comunidade masculinista sendo um exemplo de mídia anti-woke. O jogo ganhou notoriedade pois, além da personagem hipersexualizada, o jogo tinha câmeras que se posicionava de maneira a deixar a protagonista em posições extremamente sexuais.

Figura 8 – Eve, Stellar Blade



Fonte: (Google, 2024)

O discurso de ódio tornou-se uma ferramenta pelo qual o masculinismo ataca diretamente tudo e todos que promovem alguma mudança ou quebra de paradigma. Para Castoriadis (1987), as instituições são sempre contingentes e podem ser reimaginadas, mas esses grupos resistem a essa reimaginação, buscando restaurar ou preservar um *status quo* que está em declínio. Desde discursos machistas de objetificação da mulher, transfóbicos, racistas e homofóbicos, são fruto da frustração dos homens com um mundo em constante transformação. Seja através de produções culturais até movimentos progressistas, o masculinismo se mantém como uma força contra os sistemas emancipatórios.

O modo de funcionar da sociedade contemporânea vem apoiando suas ideologias no princípio da alteridade, tanto no âmbito público como no privado, o que representa para os homens uma condição pelo menos insólita, exigindo deles uma nova lógica de funcionamento para a qual não foram preparados. (MUSZKAT, 2018, p.89)

A violência que faz parte do masculino precisa ser problematizada, não é à toa que os homens sofrem com as consequências do patriarcado e do machismo. Os discursos masculinistas penetram na fraqueza masculina e

inserir dentro de si, um sentimento de inferioridade, colocando as mulheres como as principais responsáveis pela frustração sexual e emocional dos homens. Em alguns casos extremos, membros desses grupos tornaram-se responsáveis por ataques violentos contra mulheres. Por exemplo, Elliot Rodger, que se identificava com o movimento incel, cometeu um massacre em 2014 motivado pela misoginia e à sua incapacidade de ter relações românticas, físicas e emocionais com o sexo oposto.

Alguns fóruns incels promovem a ideia de que, devido à sua frustração sexual, os homens têm o direito de recorrer à violência como forma de vingança ou retaliação contra mulheres que, segundo eles, os "rejeitaram", criando assim uma narrativa onde o ato de violência é visto como uma resposta justificada a uma suposta injustiça pessoal.

O uso da violência para solucionar conflitos afetivos indica, tão somente, uma fraqueza impulsionada pelo medo, pela dor e pela frustração. Não passa de um estratagema do herói fático ameaçado, que busca com gestos grandiloquentes disfarçar seu abandono. (MUSZKAT, 2018, p.95)

A violência que emerge desses grupos pode ser vista como uma expressão extrema da alienação. Ao invés de participar de uma reimaginação criativa da sociedade, esses indivíduos recorrem à destruição e a violência, seria uma forma de tentar reafirmar um poder que eles sentem estar perdendo, ou seja, uma ação destrutiva em resposta à incapacidade de encontrar um novo sentido ou papel nas mudanças sociais. O apego às ideologias reacionárias é uma tentativa de preencher o vazio deixado pelo colapso dessas normas, mas é uma tentativa que leva à violência e ao fechamento, em vez de à criação e à transformação.

Você pega o caso do progressismo atualmente dos Estados Unidos, todas as grandes universidades são majoritariamente progressistas, todos os grandes órgãos da grande mídia são progressistas, todos os maiores milionários são progressistas e todo o governo é progressista, ou seja, todo mundo que tem poder na desgraça do país é progressista. (FREIRE, 2023, 00:54:47-00:55:04)

A ascensão de movimentos por justiça social tem levado parte da comunidade a sentir que estão perdendo o controle sobre uma cultura que por

muito tempo foi dominada por homens brancos heterossexuais. Quando novos produtos mantêm representações mais tradicionais ou conservadoras, esses jogadores os abraçam como uma forma de reafirmar seu lugar em uma comunidade que sentem estar sendo "invadida" ou transformada.

Muitos desses movimentos proliferam em fóruns online, onde discursos de ódio, misoginia e violência são amplificados e normalizados. Esses ambientes podem funcionar como espaços de radicalização, onde membros que já estão frustrados ou isolados encontram apoio para suas crenças extremistas. Através desses fóruns, os homens podem ser encorajados a ver a violência como uma solução legítima para suas frustrações, criando uma bolha de *feedback* positivo que normaliza atitudes violentas em relação às mulheres e outros homens que defendem ideias progressistas. "A pós-modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento no próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos." (MAFFESOLI, 2018, p.163). As redes sociais exacerbam o tribalismo ao fornecer algoritmos que priorizam conteúdo que confirma as crenças do usuário, reforçando vieses e criando divisões cada vez mais profundas entre diferentes "tribos" gerando um ciclo de ódio e violência contra os não pertencentes a "tribo".

Dado a característica fundamental dos grupos online e sua influência na criação de um imaginário próprio, percebemos como a construção social dos indivíduos passa por uma alienação. Nas plataformas anônimas, as pessoas se sentem menos responsáveis pelas consequências de suas palavras e ações resultando em discursos mais radicais e violentos, já que os indivíduos não temem a retaliação social ou jurídica essa desinibição possibilita a expressão de preconceitos e desejos violentos que seriam contidos em interações presenciais. No contexto online, onde as instituições formais estão ausentes (como leis sociais claras, censura ou moralidade pública), os indivíduos podem quebrar normas sociais sem medo, esse anonimato recebe respaldo das grandes empresas que detém o controle dos perfis que incitam o ódio e a violência, como aponta a jornalista Mariana Spring da BBC, que revela em sua matéria que 97% de 330 contas que enviaram ataques misóginos no X (antigo *Twitter*) e no Instagram, continuaram online mesmo após as denúncias.

Mas isso não se restringe apenas a estes dados, inúmeros casos podem ser vinculados a grupos extremistas online, onde vários desses casos de

atentados em escolas foram motivados e até incentivados por grupos online. O sentimento de exclusão serve de fio condutor para que cada vez mais, jovens se sintam encorajados a agir contra àqueles que julgam que os infligiram, não obstante, a maioria das vítimas desses atentados são mulheres. Ataques como o de Suzano em 2019, revela a ligação com ideias misóginas e com o imaginário social da violência que, combinado com a busca por pertencimento em grupos online, criou um ambiente propício para a radicalização dos atiradores, este tanto é um fato, que o túmulo de um dos atiradores recebe visita de pessoas que se identificaram com as atitudes do agressor. Algo assim não é novidade, pois até mesmo os atiradores de Columbine são idolatrados por grupos misóginos.

Apesar de muitos atiradores começarem seus ataques diante de uma tela de computador, a violência em algum momento se transfere para a vida real, provocando consequências fatais. Sem falar que a misoginia online é especialmente virulenta por ela ser usada como uma estratégia de silenciamento, sendo por conveniência ignorada na sua dimensão de fenômeno – até pelos próprios administradores do Facebook e Twitter (BOLA, 2022, p. 133)

A impunidade aliada com os discursos de ódio, revelam uma faceta sombria da sociedade patriarcal que legitima essa violência, enquanto não existir uma forma de limitar esses discursos, mais e mais vezes, veremos homens se radicalizando pelo simples fato de que as redes sociais, afloram e incentivam essa revolta. A violência emergente desses grupos pode ser interpretada como uma tentativa de dar sentido a essa crise, uma forma de ação desesperada em um mundo que parece não oferecer mais respostas. Frequentemente a legitimação da violência passa por um discurso contrário ao feminismo ou que reforçam uma única vertente feminina, como se a experiência feminina fosse única e exclusivamente, ligada aos estereótipos da mãe, esposa ou filha. “Pode reparar, absolutamente tudo que é materno, feminino e delicado tem que ser excluído dos filmes, a mulher não pode ser delicada, não pode ser submissa ao homem.” (FREIRE, 2023, 00:26:41-0026:50)

O esfacelamento das figuras hegemônicas e o fortalecimento de discursos contrários ao patriarcado revela que os homens, apesar de ser maioria e repletos de privilégios, não conseguem aceitar que existe um processo de mudança, a balança não pende mais para o lado masculino pois outras narrativas acabam

por ganhar destaque. Se a figura feminina adquire outras nuances, a explicação do patriarcado é colocada em questão em detrimento da hegemonia masculina, seja a experiência masculina como um todo, não podemos extinguir o fato de que a pluralidade masculina entre em choque com os discursos masculinistas.

A masculinidade está em conflito e novas experiências masculinas surgem a todo momento, desde experiências de masculinidades subalternizadas como o próprio questionamento dos homens que enxergam no patriarcado a razão de seus problemas. Ao questionar a ideia de que há apenas um modelo de masculinidade, a discussão abre espaço para a construção de identidades masculinas mais saudáveis e diversificadas, isso torna-se um problema na medida em que os grupos masculinistas não enxergam a possibilidade de coexistência, pois em sua visão de mundo, os homens estão perdendo seu espaço e sua importância, o pai primitivo, o imaginário social hegemônico e patriarcal, não é mais o único caminho que um homem pode seguir, não se sustenta mais.

Mesmo que esses homens rejeitem os valores de alienação e violência, eles podem sentir uma forte pressão social para se conformar às normas tradicionais de masculinidade. O imaginário social cria expectativas e papéis para os indivíduos dentro de uma sociedade, o patriarcado define papéis rígidos de gênero, e os homens que não os aderem muitas vezes enfrentam rejeição ou ostracismo. Ser contrário aos discursos masculinistas têm se provado um desafio, homens que questionam ou criticam os discursos masculinistas podem ser rotulados como "fracos", "feministas", "traidores" ou "betas", como uma tentativa de desqualificar suas posições e reforçar a hierarquia patriarcal, esse ataque à identidade masculina é uma forma de controlar comportamentos desviantes e reafirmar as normas opressivas.

Promover um debate que ajude a criar um imaginário social que visa combater a criação patriarcal da figura do homem é mais que necessário para mitigar o avanço de discursos de ódio, violência e misoginia, enfrentar os padrões pré-estabelecidos é repensar novas imagens, o esforço positivo para uma masculinidade transformadora capaz de se livrar das amarras do patriarcado. Exemplos em filmes, séries, livros e jogos são cruciais para permitir que novas performances e novas perspectivas sejam criadas, isso é importante para a construção de uma sociedade transformadora, essa masculinidade é

plural é necessária em um mundo volátil que está em constante transformação.

3 Ser Homem sem ser machista: Masculinidades em perspectiva

Percebemos que a masculinidade existiu em seu ápice desde o primeiro momento em que começamos a perceber as estruturas que correspondem ao sistema patriarcal, sendo a morte da deusa como uma figura simbólica pelas mãos do deus masculino e viril, marcou o primeiro passo da construção patriarcal do machismo e do que viria a ser o masculinismo.

Porém a experiência masculina não pode ser pautada pelo viés único do patriarcado, por mais que essa instituição atue diretamente na construção do que é ser homem, a masculinidade não pode e não deve ser vista como uma única expressão de gênero, mas como uma pluralidade de performances, cada uma com suas particularidades e desafios, desde o homem negro que enfrenta o racismo ao homem transexual que rompe com as barreiras da masculinidade falocêntrica, existe uma miríade de performances que afetam e ditam o que é ser um homem em plena pós-modernidade.

Desse amálgama surge problemáticas que cria empecilhos, barreiras e conflitos quando essas expressões de gênero se chocam, a masculinidade hetero cisnormativa, encontra-se fragmentada e perdida nesse redemoinho de performances, cabe então ao homem encontrar seu lugar nesse turbilhão e dirigir seu olhar para o futuro, confrontando seus problemas e buscando uma masculinidade saudável, tanto para ele quanto para os outros.

3.1 Emancipação Masculina: novas identidades, antigos conflitos

O conceito de masculinidade, ao longo da história, foi amplamente moldado por normas culturais e expectativas sociais que estabeleceram padrões hegemônicos de comportamento, esses padrões, baseados em um modelo patriarcal, impuseram uma série de papéis e expectativas rígidas sobre os homens, no entanto, nas últimas décadas, temos observado uma crescente desconstrução dessa masculinidade tradicional, resultando na emergência de novas identidades masculinas.

A masculinidade hegemônica, como abordado por Connell e Messerschmidt (2013), refere-se à forma dominante e idealizada de ser homem, enraizada em relações de poder, dominação e controle, essa masculinidade se

constrói como referência para os homens e para a sociedade, sustentando um sistema patriarcal que oprime tanto os homens quanto as mulheres. A masculinidade hegemônica, portanto, é uma construção de significações que compõe o imaginário social, sendo assim um produto dessas significações, que moldam a visão coletiva sobre o que significa ser homem, no imaginário social patriarcal, o homem é visto como forte, racional, provedor e, muitas vezes, emocionalmente contido.

Sob essa lente, o imaginário patriarcal atribui papéis claros: o homem deve seguir um caminho já traçado, estruturado em uma relação de poder que, embora privilegiada, também aprisiona aqueles que não se adequam, o discurso tradicional impõe uma narrativa de controle, domínio e invulnerabilidade, que limita a expressão de diferentes formas de masculinidade. O discurso patriarcal criou um regime absoluto no qual ser homem significa se conformar a certos comportamentos e expectativas normalizando esses discursos de masculinidade hegemônica e, ao fazê-lo, marginalizam outras formas de ser homem que não se encaixam nesse molde.

Porém, de modo tóxico e contraproducente, também permanecem no universo social representações únicas que atribuem à noção de masculino e masculinidade uma imagem fixa, que deslinda homens viris, superiores em força, em coragem, competitivos entre si, violentos, sem sentimentos; caso contrário, são tratados como fracos, associados ao universo feminino, assimilados como homossexuais, como se estes também compusessem uma identidade hermética. (MOUCHEREK, 2022, p.84)

O medo de ser associado a fraqueza, ao feminino e a homossexualidade molda o sentido de ser do homem, como visto anteriormente, a razão de existir da masculinidade é através das figuras que constroem esse imaginário de virilidade, portanto é inadmissível para a virilidade masculina a existência de identidades divergentes da masculinidade cis heteronormativa, muitos homens que tentam adotar novas formas de masculinidade, sendo mais vulneráveis, colaborativas ou sensíveis, ainda se veem pressionados por estruturas que desvalorizam essas características.

Na transição para o individualismo moderno, tudo aquilo que simbolizava o mundo dos homens sucumbiu. Dessa morte, beneficiam-se os discursos das minorias, estas mitologias modernas. As mulheres vão reivindicar paridade salarial e igualdade de direitos com os homens. Os homossexuais vão fazer a mesma coisa em relação aos heterossexuais, e os negros, em relação aos brancos. (NOVAES, 2013, p.372)

O discurso progressista é visto então como uma forma de atacar a masculinidade hegemônica, permitir a pluralidade masculina é aceitar que existem outras formas de existir, o discurso reacionário é um mecanismo para que o sistema patriarcal se mantenha relevante no cenário geral. Guilherme Freire (2023) no podcast reforça que o “progressismo é um sistema de poder” e que esse sistema impõe que existam discursos ideológicos que forcem pautas identitárias não só na cultura *pop*, mas em todos os âmbitos sociais. Os movimentos progressistas para o professor, é um braço direto do governo que subverte o que é considerado “normal” em detrimento de uma política que visa o “enfraquecimento” da figura masculina e a “destruição” do conceito de família. Portanto, a presença de elementos que representam uma pauta progressista como a presença de diversidade em obras pré-estabelecidas é uma forma de impor o discurso progressista para as pessoas.

Em tempos de redes sociais, grupos online e na ascensão de discursos de ódio na internet, as identidades progressistas ganharam um grau de importância e relevância, porém estar nos holofotes é sinônimo de receber mais ataques e violências, longe de ser um campo seguro, cresce o número de ataques racistas, LGBTfóbicos e misóginos nas redes sociais.

Nas redes sociais, o agrupamento de pessoas não segue as mesmas características da vida cotidiana no mundo real. Se no dia a dia nossos grupos incluem amigos por afeto, pessoas da nossa relação de trabalho, colegas de estudo, família, nas redes sociais, é a semelhança na forma de pensar que une as pessoas, isto é, as pessoas se aproximam conforme seus interesses e suas crenças, ligadas a posicionamentos político-ideológicos, filosóficos, religiosos. (CABRAL, 2019, p.422)

A homossexualidade masculina é frequentemente sujeita a violência simbólica e física dentro de uma sociedade patriarcal, esse tipo simbólico de violência, conforme Pierre Bourdieu (2018), refere-se a formas sutis, porém poderosas, de exclusão e marginalização que ocorrem por meio de discursos,

piadas, estigmas e representações culturais que desvalorizam os homens gays. Essa violência se manifesta em formas de deslegitimação, como a representação de homossexuais como fracos, promíscuos ou anormais, que são frequentemente veiculadas na mídia e reforçadas por discursos religiosos e políticos conservadores, vale ressaltar que a homossexualidade foi considerada uma doença, contando com laudos e tratamentos específicos até 1990, quando a Organização Mundial da Saúde retirou a condição de enfermidade.

A ideia de que a homossexualidade é uma doença é uma concepção ultrapassada e errônea, que já foi amplamente refutada pela ciência e pelas principais organizações de saúde ao redor do mundo, essa visão foi historicamente usada para marginalizar e patologizar pessoas LGBTQIAPN+, perpetuando preconceitos e justificando a discriminação. No entanto, com o avanço das ciências médicas, psicológicas e sociais, essa noção foi oficialmente descartada, reconhecendo-se que a homossexualidade é uma variação natural da sexualidade humana. No Brasil, um dos grandes percussores da patologização da homossexualidade foi o médico higienista Antônio Carlos Pacheco e Silva, pautado por doutrinas eugenistas garantiu uma posição de privilégio como expoente da psiquiatria no início do século XX.

Espelhando-se em ideologias disseminadas na Alemanha nazista para alcançar o tipo racial e social idealizado como “puro” e “superior” no Brasil, Pacheco e Silva defendeu a eugenia por intermédio de propostas políticas que visavam a esterilização compulsória dos diagnosticados como degenerados, exame pré-nupcial, campanhas antialcólicas, contra o "homossexualismo", restrição de imigrantes considerados oriundos de raças inferiores ou "menos desenvolvidas". (ROCHA, 2023, p. 30)

A ideia de que a homossexualidade era uma doença serviu como justificativa para a exclusão social, a violência e a marginalização dessas pessoas reforçando também a hegemonia da heteronormatividade e a crença de que a heterossexualidade é a única orientação sexual normal e aceitável. Mesmo após a despatologização formal da homossexualidade, o estigma associado a ela continua presente em muitas culturas e sociedades, em diversos países, a homossexualidade ainda é vista como imoral ou pecaminosa, o que alimenta a discriminação e a violência, tornando a homofobia muitas vezes validada, embasada por argumentos religiosos ou pseudocientíficos, continua a ser uma

barreira significativa para a aceitação plena e a igualdade de direitos para pessoas LGBTQIAPN+.

O patriarcado impõe um estigma pesado sobre os homens que não correspondem à masculinidade hegemônica, gerando uma série de efeitos, como a internalização da homofobia, ansiedade social, depressão e isolamento, além disso, muitos homens *gays* enfrentam o desafio de se aceitarem em uma sociedade que os deslegitima. Essa luta interna é exacerbada pelo fato de que, muitas vezes crescem em ambientes que não lhes oferecem apoio, nem modelos positivos de masculinidade e homossexualidade. A rejeição familiar, a falta de políticas públicas inclusivas e a discriminação no ambiente laboral ou na escola criam barreiras que dificultam a aceitação plena de suas identidades.

O homossexual ainda é discriminado em todos os campos da sociedade brasileira: na legislação, na religião, nas escolas e na própria linguagem. Os chavões, os xingamentos e as “piadinhas” contribuem para manter o preconceito. A humilhação, a vergonha e até a violência continuam sendo excelentes opressores, opondo-se a que um homem gay sinta-se digno. (MUSZKAT, 2018, p.129)

A opressão da masculinidade cis heteronormativa cria bolhas sociais que fazem com que as masculinidades subordinadas sejam cada vez mais marginalizadas. Percebemos esse dilema quando observamos a construção da masculinidade negra em relação a masculinidade branca, a realidade da masculinidade negra é vivida e presenciada através da violência e da subordinação dos elementos simbólicos na construção de um imaginário de segregação e preconceito, relegado as margens ou a hipersexualização, o homem negro vê em seu tom de pele os estereótipos que moldam o imaginário social de violência e bestialização. Talvez seja por isso que o Guilherme Freire e os irmãos Alba veem tanto problema na representação de Arondir, como um elfo negro, ou o protagonismo de Yasuke, em *Assassin's Creed Shadows*.

Essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades ditas periféricas e assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista. (OLIVEIRA, 2022, p.129-130)

O apagamento da masculinidade negra não é por acaso, existe um processo de desmemorização decorrentes da diáspora africana, essa diáspora afetou o imaginário social ao dificultar o acesso de homens negros a sua herança histórica, a herança da escravidão, experiência vivenciada por homens negros criou feridas que nunca foram cicatrizadas, essas feridas representaram a subjugação do homem negro a marginalização, sua própria noção de inferioridade é afetada por esses estereótipos que representam no âmbito social, as mazelas que os afetam, a violência simbólica afeta-os pois antes de ser homem eles ainda são negros.

Os valores impressos por noções de patriarcalismo, paternalismo, virilidade, bem como a ideia de macho – a superioridade masculina em relação ao feminino – aprofundam-se na desvalorização de homens negros, uma vez que o estigma, como sinal simbólico de desvalorização do outro, tem, entre os seus efeitos mais perversos, a autoaceitação de inferioridade e a sua reprodução no tecido social como um todo tendo em vista as desigualdades que as relações de raça e gênero estabelecem. (SOUZA; BALBINOT; CAMPOS. 2020, p.86-87)

A masculinidade negra é fruto de um processo de anos de escravização e preconceito, os estigmas que afetam a experiência do homem negro é profundo e permeia toda a sociedade, o racismo que o coloca como uma masculinidade subordinada à masculinidade hegemônica, impõe outros elementos de subordinação e coloca a vivência dos homens negros em risco, sendo que, essa parcela da população já sofre com estigmas raciais.

É possível que em determinados momentos os homens negros gozem de quase todas as dores e delícias de qualquer homem em uma sociedade patriarcal, interiorizando, reproduzindo e externalizando determinados padrões hegemônicos de masculinidades. No entanto, e ao mesmo tempo, o racismo destina a esses homens um lugar muito particular – para não dizer, ambíguo – na divisão sexo-racial do trabalho na sociedade moderna, limitando quase sempre as possibilidades de corresponder plenamente a esses padrões. (FAUSTINO, 2021, p. 66-67)

É importante salientar que a própria masculinidade negra não deve ser vista de forma unilateral, pois existe uma miríade de performances de masculinidade negra e elas englobam a experiência de ser ter descendência africana no Brasil, pois o homem negro pode ser heterossexual, homossexual,

transsexual, rico ou pobre, todas essas diferenças conferem valores distintos e experiências divergentes, mas todas existirão numa ótica racista, haja vista que a sociedade em que vivemos não deixa dúvidas que possui tal preconceito.

Outra masculinidade que ganhou expressão e vivência é a trans masculinidade. A masculinidade de homens transsexuais desafia e reconfigura os valores e significações em uma sociedade patriarcal, predominantemente estruturada pelo masculinismo e pelo preconceito, pois ao ocupar um espaço historicamente reservado ao que se entende como "homens cisgêneros", os homens trans questionam as normativas que regulam o que é ser homem e o que constitui a masculinidade. A transição de um homem transgênero, tanto social quanto corporal, evidencia o fato de que a masculinidade pode ser performativa, fluida e multifacetada, conceitos que vão contra a masculinidade tradicional baseada no corpo cisgênero e na rigidez de papéis de gênero.

Quando pensamos nas instituições simbólicas de Castoriadis (2010) percebemos que os símbolos são essenciais para a construção de um imaginário social, por mais que sejam dependentes das mudanças do tempo, esses símbolos carregam uma historicidade inerente ao valor atribuído. Se antes o rosa era uma cor masculina, hoje em dia está associada ao feminino. Essas mudanças afetam a concepção simbólica e as relações sociais, atrelar o rosa ao masculino, por mais bobo que possa parecer, ainda gera estranheza, portanto, importância da trans masculinidade para a masculinidade no geral é a capacidade de desafiar e subverter os símbolos atribuídos. A figura masculina como vimos no capítulo 1 é influenciada diretamente pelos símbolos, muitos desses oriundos do falocentrismo, a existência da homens sem pênis, afeta diretamente a construção da masculinidade.

Os homens trans, ao criarem suas próprias formas de viver e expressar suas masculinidades, estão reformulando o imaginário social e ao se apropriarem de um espaço que historicamente lhes foi negado, eles propõem novas maneiras de pensar sobre sua masculinidade, corpo e identidade. Suas experiências desnaturalizam o ideal de masculinidade baseado na cisnormatividade e desafiam a visão binária e hierárquica de gênero, abrindo caminho para masculinidades que podem coexistir com vulnerabilidade, afeto e pluralidade, porém também vemos que há reforço da masculinidade hegemônica na tentativa de reproduzir e se encaixar no padrão do que se espera do

masculino, se por um lado podemos pensar na trans masculinidade como uma subversão do imaginário masculino, a tentativa de se adequar a norma padrão acaba por fazer com que homens trans reproduzam o machismo estrutural.

A pressão para se alinhar com a masculinidade hegemônica pode ser ainda mais intensa para homens trans, pois sua identidade muitas vezes é questionada por não terem sido socializados como homens desde o nascimento. A expectativa de que "provar" sua masculinidade envolve a incorporação de traços hegemonicamente masculinos pode levar a uma performance mais rígida da masculinidade, como forma de combater a invalidação social e a transfobia, dado que o sistema patriarcal envolve valores tão rígidos a despeito da opressão de gênero, os sistemas simbólicos são tão rígidos que não é nenhuma surpresa que a trans masculinidade atue de forma a reproduzir as atitudes da masculinidade hegemônica.

Para esses, a transição de gênero constitui a possibilidade de alcance de pelo menos alguns dos privilégios aquinhoados pelas masculinidades hegemônicas: mais oportunidades de trabalho, melhor renda, menor participação em atividades domésticas, maior liberdade sexual, maior possibilidade do uso da força física e até dos recursos da violência. (ALMEIDA, 2021, p. 76-77)

A trans masculinidade representa uma oportunidade para a construção de uma masculinidade que fuja do padrão hegemônico, porém ainda é necessário romper com os estigmas sociais e o imaginário social vigente do patriarcado. Pensar uma nova masculinidade é propor romper com os estigmas que o patriarcado impõe, então pode-se ver que, por mais que existam masculinidades que são subversões da masculinidade hegemônica, ainda há a manutenção do privilégio, no entanto, as masculinidades subordinadas ainda são masculinidades.

3.2 Masculinidades como lugar de fala: perspectivas renovadas de homem

A perspectiva em torno de uma masculinidade positiva, que não seja tóxica e desvinculada ao discurso patriarcal ainda está longe de se concretizar e questionar completamente a influência do patriarcado é um desafio, pois exige que os homens questionem seu lugar de privilégio na sociedade. Os movimentos progressistas que buscam quebrar esses paradigmas, encontram nos homens

resistência para renunciar a seus privilégios.

Para Castoriadis (2010) a construção da masculinidade como instituição ocorreu através do processo de imaginar e instituir novos significados, nesse sentido, a masculinidade hegemônica e o patriarcado são construídos de uma rede de símbolos que deram significado para a masculinidade, portanto, criar uma rede simbólica se faz necessário para repensar o papel da masculinidade na sociedade e criar novos símbolos, pode dar uma outra perspectiva para os homens.

Existe um problema para a masculinidade, pois questionar sua hegemonia é expiar os próprios pecados, pensar em uma possibilidade de mudança exige que os homens reflitam sobre suas próprias atitudes e, quais delas, são machistas ou não, portanto, enxergar os erros e romper com o sistema patriarcal se torna um desafio na medida em que somos beneficiados por esse sistema, mesmo que existam nuances e discrepâncias, ser homem ainda é um privilégio, mesmo que você seja negro, homossexual ou em certa medida, transsexual. “O debate público sobre masculinidades tem se valido de duas premissas: é importante os homens reverem seus comportamentos e é importante construir novas masculinidades.” (CUSTÓDIO, 2021, p.106).

Os movimentos masculinistas enxergam nessas premissas um ataque ao que eles consideram como verdadeira masculinidade, pois as atitudes que os movimentos progressistas consideram como problemáticas, como o masculinismo, já se normalizou. As significações imaginárias são importantes para combater essa normalização, a masculinidade só terá uma perspectiva de mudança concreta, quando a instituição imaginária patriarcal deixar de ser a norma padrão.

Para isso, é necessário que haja mudanças, sendo que algumas delas já podem ser percebidas, por exemplo, quando vemos em destaque o debate acerca da saúde mental e física do homem, canais e programas como “Papo de Segunda” do canal GNT, se propõe a debater a masculinidade de forma a questionar a masculinidade hegemônica, os canais de youtube “Macho Moda” e “Manual do homem moderno” que abrem a possibilidade de discutir moda e bem-estar social masculino, rompendo com o estereótipo de homens que não se cuidam, *reality shows* como “*Queer eye*” da Netflix, que acompanha a rotina de 5 homens gays, o que rompe com paradigmas, possibilitando a inserção e a

quebra de preconceitos. Há inúmeros outros programas que revelam uma mudança na mentalidade e na construção de novas significações imaginárias.

Esses exemplos realçam a transformação pelo qual masculinidade está passando, porém, as resistências tornam-se cada vez mais ferozes. A extrema-direita associa essa perspectiva de mudança à perseguição e destruição da masculinidade patriarcal, o pensamento reacionário permeia o discurso de que os homens estão cada vez mais afeminados e comentários ofensivos são comuns de se achar quando quaisquer performances longe da idealizada pelos movimentos masculinistas são percebidas.

Em uma postagem da rede social *Threads*, vinculada ao *Instagram*, vemos um homem questionando o fato de um pai chorar ao ver a filha sendo vacinada, pois para ele o fato de o pai demonstrar empatia e chorar com a filha, é fruto do “progressismo, feminismo, cultura woke, desconstrução do homem.” Outros comentários reforçam a ideia de que o homem não deve demonstrar sentimentos pois “o pai é o esteio da família, a figura de força e proteção” e o outro diz “é o novo tipo de pai do ocidente, o pai meio gay”. demonstrando que existe uma rede que reforça a ideia de que homens devem ser fortes e nunca demonstrar seus sentimentos.

Aliada a esse movimento retrógrado, surge a existência dos *trolls* de internet, pessoas que utilizam de piada para a disseminação de discurso de ódio. Os trolls frequentemente atacam movimentos feministas ou pró-igualdade de gênero nas redes sociais, fóruns e plataformas online, eles tendem a retratar esses movimentos como tentativas de “demonizar” os homens ou destruir a masculinidade tradicional, distorcendo as mensagens para criar um conflito artificial.

Muitos trolls utilizam humor sarcástico ou “*edgy*” (polêmico e provocador) para ridicularizar iniciativas que buscam desconstruir a masculinidade tradicional. Isso pode incluir a criação de memes, piadas ou vídeos que desvalorizam as novas masculinidades, ridicularizam homens que expressam emoções ou participam de movimentos feministas, ou atacam diretamente a ideia de que as normas de gênero deveriam ser repensadas. Essa perspectiva de se isentar da responsabilidade por fazer apenas uma piada, foi a desculpa perfeita para que a extrema direita e os movimentos masculinistas se aliassem em torno de um único propósito, a manutenção do poder e da masculinidade

hegemônica.

A trollagem é ambígua, atuando numa zona cinzenta entre “brincadeira” e “seriedade”. A postura troll permite que uma ofensa as mulheres seja minimizada apenas como “piada” e uma queixa contra esse tipo de humor seja taxada de “chatice”, “mimimi” e como “hoje qualquer coisa ofende”. Uma crítica a falas que ataquem direitos humanos, minorias e grupo vulneráveis é vista como “exagero”, aumentando a tolerância para humilhações e ofensas. (OLIVEIRA FILHO, 2024, p.29)

A masculinidade encontra nesses obstáculos a possibilidade de emancipação, porém longe do olhar atento dos *trolls*, existe a tentativa de mudança, a crescente discussão sobre educação emocional possibilita que homens estejam abertos ao diálogo e reflitam sobre seus sentimentos, criando e estabelecendo vínculos que possibilitem quebrar os estereótipos de dureza e insensibilidade. A mídia tem um papel fundamental na construção de novas significações pois permite que novos modelos sejam utilizados, apesar do discurso contra a “lactração” e a cultura *woke* que Guilherme Freire e os irmãos Alba do Linhagem *Geek* propagam, essas representações de masculinidade positiva possibilitam que uma nova geração se inspire em modelos positivos de masculinidade.

A desconstrução de personagens da cultura *pop* e a reinvenção de novos modelos de masculinidade fazem com que os modelos se alterem, por exemplo, a visão de Thor, protagonizado pelo ator Chris Hemsworth no filme “Vingadores: Ultimato” (2019) da Marvel Studios/Disney é um excelente exemplo ao retratar o deus do trovão, passando por um momento de fragilidade e depressão, situação essa que quebra o estereótipo de que os homens devem ser sempre fortes.

Figura 9 – Thor em um momento de fragilidade



Fonte: (Google, 2024)

No filme, Thor está visivelmente abalado após sua falha em impedir Thanos de destruir metade da vida no universo, o personagem, que antes era um guerreiro imponente e autoconfiante, é mostrado como alguém que caiu em profunda depressão, culpando-se pela perda e sentindo-se inútil, isolado, se entrega a hábitos destrutivos, como álcool, e demonstra apatia, ansiedade e desesperança. Esse retrato é significativo porque, em muitas narrativas tradicionais, heróis masculinos geralmente escondem suas fraquezas e fragilidades, mantendo uma fachada de força e invulnerabilidade, ao mostrar Thor em um estado de vulnerabilidade emocional, o filme reflete uma realidade mais humana e desafiadora: a de que homens também podem sofrer com problemas de saúde mental, incluindo depressão.

No decorrer do filme, vemos Thor começar a se reconciliar com sua fragilidade e aceitar ajuda, tendo seu ápice ao reencontrar sua mãe em uma cena emocional que o ajuda a perceber que ele não precisa ser perfeito e que pode recomeçar, mesmo com seus erros e imperfeições. Essa mensagem é importante porque mostra que o processo de cura masculina envolve aceitar a própria vulnerabilidade e buscar apoio externo, em vez de continuar fingindo ser invulnerável.

Outro exemplo de desconstrução de figuras e arquétipos masculinos é a de Kratos, personagem da série de jogos *God of War* (2005-2022), no qual

vemos sua evolução ao romper com o ciclo de violência. Nos primeiros jogos da franquia *God of War*, Kratos era o símbolo perfeito da masculinidade hegemônica e da masculinidade tóxica, representava a força física extrema, a raiva incontrolável, a vingança e a incapacidade de lidar com emoções de forma saudável. Kratos canalizava sua dor e perda (a morte de sua esposa e filha, por exemplo) em uma série de ações violentas, perpetuando um ciclo de destruição. Esse comportamento, no entanto, é retratado como algo que não apenas destrói os outros, mas também a si mesmo, a violência é uma resposta comum para a dor e a impotência nos homens que se sentem forçados a esconder suas emoções e que veem a força física e a agressividade como as únicas saídas. No caso de Kratos, o ciclo de violência o consome, levando-o a matar deuses, destruir mundos e perder partes essenciais de si mesmo ao longo do processo.

Figura 10 – Kratos destruindo Olimpo



Fonte: (Google, 2024)

Em *God of War* (2018), a narrativa apresenta um Kratos mais velho, reflexivo e cansado da vida violenta que levou, o personagem se muda para as terras nórdicas, e a história foca em sua tentativa de ser um pai para seu filho, Atreus, esse Kratos não é mais o deus da guerra impulsivo, mas um homem que carrega o peso das consequências de sua violência anterior e tenta desesperadamente evitar que seu filho caia no mesmo ciclo. Ao longo do jogo, Kratos tenta ensinar Atreus a controlar sua raiva e ser uma pessoa melhor, embora muitas vezes ele próprio ainda lute para equilibrar sua própria fúria, esse

esforço reflete uma mudança crucial na forma como Kratos lida com sua masculinidade: ele reconhece que o caminho da violência não trouxe paz ou redenção, mas apenas mais dor, por fim, se torna um pai que tenta ensinar moderação, sabedoria e controle emocional, em contraste com a figura de autoridade impiedosa que ele um dia fora.

Figura 11 – Kratos ensinando Atreus a controlar a raiva



Fonte: (Google, 2024)

O ciclo de violência em *God of War* está presente como uma ameaça constante, e o desafio de Kratos é evitar que ele o consuma novamente ou consuma seu filho. Esse ciclo é também uma metáfora para as pressões que muitos homens enfrentam na realidade: as expectativas de agressividade, força e dominação como medidas de sucesso e masculinidade, ao tentar se distanciar dessa espiral, Kratos mostra que há uma nova possibilidade de escolha, romper com as normas impostas e buscar uma nova forma de ser homem.

Esta raiva é frequentemente a emoção padrão dos homens, não apenas porque ela vem mais fácil ou de maneira natural, mas em grande parte porque aos homens é sempre dito que eles não são seres emocionais, a ponto da própria raiva não ser vista como emoção. O problema é que em geral essa raiva se transforma em violência, que se torna a principal linguagem da expressão masculina. (BOLA, 2022, p.159)

Um dos argumentos mais comuns é que personagens como Thor e Kratos estão sendo "enfraquecidos" para atender a uma agenda de progressismo, o que muitos críticos interpretam como uma traição à sua caracterização original. Em vez de serem os guerreiros fortes e invencíveis, esses personagens estão agora mostrando vulnerabilidades emocionais, o que, segundo esses críticos, dilui a imagem de força masculina que eles representavam. Os críticos da desconstrução dos personagens como Guilherme Freire e os irmãos Alba, mostram o quanto ficam incomodados quando os personagens apresentam esse desenvolvimento. "Você fica num cenário, cara, que começa a ficar desesperador porque ninguém aguenta mais" (FREIRE, 2023, 00:28:33-00:28:38).

O exemplo positivo que essas mídias representam, mostra o esforço pela mudança que os movimentos progressistas proporcionam e possibilidade de assistir ou jogar presenciando esses discursos, mostra uma capacidade de transformação pelo qual a masculinidade está passando, representando a esperança de uma masculinidade que possibilite o diálogo e a coexistência.

3.3 Homens e Patriarcado: novos corpos, velhos imaginários

Para além das questões masculinas, percebemos que os modelos pré-estabelecidos de masculinidade ainda exercem influência na identidade masculina e livrar-se do patriarcado torna-se um esforço hercúleo e nem todos estão preparados para lidar com tais mudanças. Novos modelos masculinos existem para imaginarmos um homem renovado, porém até mesmo homens que são vistos como modelos a serem seguidos, não estão livres do machismo e do patriarcado.

O caso do ex-ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida exemplifica como pessoas que deveriam ser modelos de uma masculinidade positiva, podem ainda ser responsáveis por atitudes machistas e masculinistas. Em reportagem da BBC News assinada pela repórter Mariana Schreiber, foi revelado que o ex-ministro havia assediado sexualmente várias mulheres, entre elas Anielle Franco, atual ministra da Igualdade Racial. A denúncia, mostra uma faceta muito cruel dos discursos por igualdade de gênero, que é a ausência de responsabilidade por parte dos homens que, por mais que tenham discursos

progressistas, ainda demonstram atitudes machistas e misóginas. Esse caso, além de grave, revela que nem sempre os discursos condizem com as atitudes e devemos estar sempre atentos.

Outro caso chocante foi do escritor inglês Neil Gaiman, visto como uma figura que sempre lutou por causas progressistas em seus livros e quadrinhos, o autor também sofreu acusações de assédio por parte de 5 mulheres. De acordo com a matéria da Veja, assinada pela repórter Amanda Capuano, Neil Gaiman teria utilizado de seu poder e influência para realizar os abusos, revelando que o machismo estrutural está além do discurso progressista. Os casos abrem espaço para discutir como homens em posições de poder, especialmente aqueles que defendem discursos progressistas, podem reproduzir formas de masculinidade tóxica, mesmo que de maneira inconsciente.

Também muito apoiada é a ideia original de que a masculinidade hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade (como as estrelas dos esportes profissionais), símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.263)

Nesse sentido, ainda existem muitos desafios para a construção de uma masculinidade que seja positiva, os processos de construção de significações imaginárias, possibilita a resignificação de novos modelos, porém a estrutura patriarcal ainda se mantém. Se por um lado a relação entre masculinidade e patriarcado ainda é forte, os novos modelos buscam modificar essa estrutura, a reflexão acerca da desigualdade de gênero e sobre como esses privilégios afetam as relações interpessoais é fundamental para a construção de uma masculinidade mais saudável. O objetivo é questionar a ideia de que os homens devem ter mais espaço de fala, mais autoridade ou o direito de controlar as mulheres ou outros homens, em vez disso, os homens são incentivados a adotar atitudes de igualdade, colaboração e respeito.

Ser homem sem ser machista é um desafio, construir relações saudáveis é importante para criar pontes entre homens e a masculinidade positiva também reconhece a importância de redes de apoio entre homens. Muitos que se envolvem em comportamentos abusivos ou violentos estão tentando se adequar

às expectativas sociais de masculinidade que, conseqüentemente, são prejudiciais para eles mesmos, como a necessidade de ser "durão", "invulnerável" ou "dominante". Tais comportamentos são muitas vezes reforçados por grupos de pares que promovem essas ideias, como em culturas de masculinismo em ambientes como esportes, forças militares ou certos círculos sociais.

O que precisamos superar aqui é a própria perspectiva ética de poder, e talvez deslocá-la para um princípio ético do cuidado ou do comunitarismo – oposto ao projeto da masculinidade hegemônica patriarcal que é o modelo do herói uno, isolado. (CUSTÓDIO, 2021, p.109)

Movimentos masculinistas muitas vezes defendem uma visão da masculinidade centrada na ideia de que os homens devem ser independentes, fortes e autossuficientes, sem precisar de suporte emocional ou social, o que reflete uma noção de individualidade desconectada das realidades sociais e das complexidades das relações humanas vendo as lutas por igualdade de gênero como ameaças à liberdade individual dos homens, por muitas vezes ignorando ou minimizando os privilégios que eles próprios, como grupo, podem ter em um sistema patriarcal. Repensar a masculinidade é criar um ambiente propício para a construção de uma relação social com os homens e com a sociedade, romper com o individualismo nesse sentido, criaria aberturas para o diálogo mais sustentável.

Tampouco, a ideia de um homem desconstruído ainda causa estranheza e gera dificuldade, pois assumir que está em processo de desconstrução sugere enfrentar o sistema patriarcal e reconhecer privilégios. Quais homens poderiam ou podem dizer abertamente que são desconstruídos, sendo que a sociedade machista e patriarcal ainda nos favorece? Esse impasse gera a sensação de não pertencimento, no sentido que quanto mais próximo do espectro da masculinidade hegemônica e padrão o homem está (branco, heterossexual, cisgênero), mais difícil é se assumir como desconstruído.

Por isso, volto a dizer: a ideia de um homem desconstruído é a figura instalada em um impasse. Sem horizonte ou modelo possível, esse é o não lugar que insiste como sofrimento para alguns homens em sua relação com esse ideal. De forma geral, não há ainda um paradigma positivo que sirva de horizonte à desconstrução do homem. (GEBRIM, 2021, p.120-121)

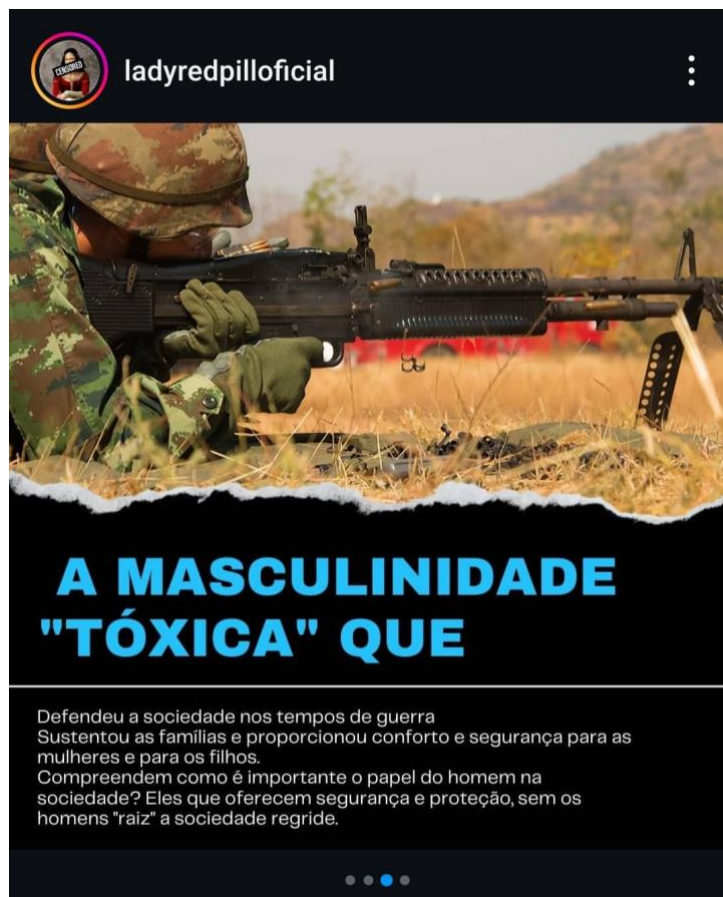
Ser considerado um homem desconstruído exige mais do que um alinhamento teórico com ideias feministas ou progressistas; envolvem práticas diárias e mudanças comportamentais profundas. A dificuldade surge quando os homens reconhecem os problemas das normas tóxicas de gênero em um nível intelectual, mas têm dificuldades em aplicar essas reflexões na prática.

A desconstrução é um processo contínuo que exige que os homens questionem constantemente seus próprios comportamentos, falas e pensamentos, especialmente aqueles que foram internalizados ao longo de suas vidas podendo gerar uma dissonância cognitiva, uma tensão entre o que acreditam e o que praticam. A prática da masculinidade positiva deve ser constante, questionar os modelos sociais e o machismo institucionalizado é o dever de todos aqueles que querem se desvincular do patriarcado.

Homens desconstruídos também podem enfrentar desafios em seus relacionamentos românticos ou interpessoais com mulheres, podendo experimentar situações em que mesmo adotando comportamentos mais igualitários e sensíveis, se deparam com expectativas contraditórias. Em certos contextos, as mulheres podem ter expectativas tradicionais de masculinidade, como iniciativa ou assertividade, que podem estar em conflito com os novos valores que o homem está tentando adotar.

O perfil na rede social *Instagram* denominado Lady Redpill é um bom exemplo de como as mulheres podem reforçar atitudes masculinistas. Em uma das postagens, a autora que se autodenomina “antifeminista, esposa, madrasta, filha e ativista pelos direitos dos homens”, defende que existe uma conspiração contra a masculinidade “a masculinidade é o que torna o homem nobre, um homem que não é MACHO, é facilmente dobrado por ideologias corrompidas e mulheres malévolas”, além disso, defende teorias da conspiração e que os homens são vítimas dessa sociedade que persegue a paternidade.

Figura 12 – Postagem defendendo masculinidade tóxica no *Instagram*



Fonte: (Instagram, 2024)

Além de defender a masculinidade tóxica, o perfil contém cerca de 29,9 mil seguidores na rede social, além de outras postagens de cunho machista, relativizando a violência contra mulher, pregando a ideologia *redpill*, dezenas de comentários tanto de homens quanto de mulheres, revelam que o discurso masculinista é propagado pelas redes sociais. Existe uma pressão para a normalização de atitudes machistas, além de uma banalização da violência e, claro, preconceito com homens que procuram escapar do discurso do patriarcado, nesse caso, taxados de betas.

Esse equilíbrio entre ser um homem emocionalmente disponível e sensível, mas ainda lidar com pressões culturais para agir de acordo com o modelo tradicional, pode criar tensão, pois homens desconstruídos podem se sentir confusos sobre como equilibrar seus próprios princípios com as expectativas dos outros, tanto de outros homens quanto de mulheres. Muitas mulheres endossam comportamentos masculinistas pois estão tão inseridas no

pensamento patriarcal que ridicularizam quaisquer tentativas de uma masculinidade positiva.

A ligação entre o discurso masculinista e o conservadorismo ganha relevância quando pensamos nas relações de poder que giram em torno dos costumes e do padrão estabelecido na visão conservadora de gênero. Como Gerda Lerner (2019) endossa, as construções pré-estabelecidas de gênero, têm um caráter histórico sendo criado um sistema que perpetua preconceito de gênero. O caráter de desconstrução torna-se um problema na medida em que o discurso masculinista deslegitima os movimentos progressistas, os processos de emancipação nesses casos, tornam-se pouco atraentes para as mulheres inseridas em uma família tradicional ou religiosa, dessa forma, acabam por se aliar a movimentos conservadores.

O primeiro motivo para atração de mulheres a essas organizações é o 'cansaço da emancipação', porque uma parcela da população olha para a emancipação feminina como um problema social e moral. Dentro de uma sociedade teoricamente marcada pelas conquistas feministas em relação à vida privada, o retorno ao tradicionalismo familiar – ou seja, homem como provedor da família – é tido como uma alternativa à modernidade. (RAMOS, 2023, p. 60)

Ao promoverem uma narrativa de que "nem todas as mulheres apoiam o feminismo", elas se tornam figuras simbólicas que validam a ideia de que o feminismo está "fora de controle" ou que não representa as verdadeiras preocupações das mulheres, nesse sentido, tornam-se ferramentas para reforçar os discursos de submissão, consolidando comportamentos abusivos que prejudicam as práticas de masculinidade positiva.

Pensar numa masculinidade positiva é construir de forma coletiva a mudança, homens e mulheres precisam estar abertos ao diálogo, não basta os esforços hercúleos dos movimentos feministas se os homens são excluídos do debate. Para destruir o sistema patriarcal, as instituições imaginárias precisam partir do masculino, pois assim, as novas significações construídas podem surgir de um novo princípio, o de romper com milhares de anos de tradição, pois necessita de um esforço tanto de homens quanto de mulheres, mas enquanto houver instituições que pregam hierarquia de gênero, os problemas continuarão.

A marcha pela emancipação dos corpos, já em franco movimento, aparece como uma saída para a alteridade. Liberar o corpo da mulher parece uma tarefa de primeira grandeza, mas não é a única. Os corpos masculinos estão, ainda que não se admita, absolutamente comprometidos com engenhocas constritivas que dirigem suas ações e limitam sua liberdade. (MUSZKAT, 2018, p.159)

Ademais, conhecer os problemas que o patriarcado induz aos próprios homens é, acima de tudo, um dever para quebrar as raízes que os prendem nessa performance reducionista e limitante. Entender que a masculinidade pode ser plural, é um fator determinante na construção de significações imaginárias positivas, o processo de desconstrução da masculinidade é então um fator crucial para pensarmos em uma sociedade com paridade de gênero e sem preconceito.

Não basta apenas lutar para ter o direito de broxar no sexo, de demonstrar afeto, chorar ou pintar as unhas, é preciso que os homens entendam seus papéis na opressão de gênero e na discriminação, não obstante, são os homens que mais matam, morrem e são responsáveis por atentados e outras mazelas. Ser homem deve significar, para além de quaisquer construções sociais, coexistir com o feminino e abraçar a pluralidade de gênero e sexualidade, são os pequenos comportamentos que revelam como a masculinidade precisa de uma transformação, os discursos masculinistas são sedutores na medida que transfere para o outro a responsabilidade pelos seus problemas, sendo assim, masculinismo só é sedutor para os homens que não enxergaram no patriarcado as raízes de seus problemas, no geral, a posição masculina perante os dilemas sociais continua a mesma, incapazes de enxergar o progresso e assumir suas responsabilidades.

Considerações finais

O patriarcado é um constructo. Foi idealizado a milhares de anos pelos homens, longe de ser algo restrito a si mesmo, passou por milhares de anos de transformações e influências. O universo simbólico responsável pela criação das instituições imaginárias que regem nossos sistemas sociais, foi idealizado na medida em que as pessoas começaram a questionar e buscar explicações para os elementos que os cercavam, sendo assim, os símbolos que foram criados a partir dessa estrutura, responderam, na medida do possível, os dilemas sociais, passando a definir o gênero de uma maneira binária: homem e mulher.

Por mais que o universo simbólico tenha também elementos masculinos e femininos e os regimes diurnos e noturnos, nem a masculinidade ou a feminilidade podem ser definidas de maneira binária, pois os símbolos dos regimes não têm sexo definido, pois homens e mulheres podem ter aspectos masculinos e femininos na medida em que existem em sociedade. Homens podem ter o arquétipo do regime noturno da mãe e mulheres podem se apossar dos símbolos masculinos do regime diurno, como a espada ou o cetro, a questão é, como o patriarcado se apossou desses símbolos para criar os mitos fundantes que colocaram uma hierarquia de gênero.

Se em termos históricos ser homem e ser mulher são construções sociais, a instituição imaginária seria responsáveis por essa construção simbólica com elementos associados ao masculino sendo utilizados nesse sentido, para a criação de um modelo de masculinidade perfeito e imutável: a masculinidade hegemônica. Nesse sentido, a hierarquia de gênero passa a ser explicada através de nossos mitos, a deusa dá lugar ao deus pai que rege tanto a masculinidade quanto a feminilidade.

O modelo de virilidade do macho passa a ser o modelo padrão vigente, por mais que ele adquira características diferentes a cada mudança de época, os símbolos continuam os mesmos, virilidade, força e violência são sinônimos de masculinidade na medida em que são adaptadas aos modelos de sociedade. Os discursos masculinistas que vemos nas redes sociais nada mais são que o resgate desses valores que, devido a contestação do patriarcado pelos movimentos feministas, teve sua hegemonia abalada, longe de ser extinguida completamente.

O medo de perder os privilégios fez com que o patriarcado utilizasse de suas ferramentas de controle para privar cada vez mais a masculinidade a seu modelo padrão, a perspectiva de mudança fez com que os movimentos masculinistas surgissem para contrapor o feminismo e as mudanças sociais, sendo o ódio ao feminismo atrelado a discursos conservadores, o direito das mulheres fez com que a masculinidade se sentisse acuada diante das perspectivas de controle do corpo feminino, paridade de direitos e igualdade de gênero.

Discursos em prol da vida contra o aborto, discursos contra a emancipação feminina pelo direito da família e os discursos contra a educação sexual e gênero em escolas, fazem parte do heteroterrorismo que são as práticas masculinistas, tornando visível de que existe uma grande conspiração contra a masculinidade e fazendo com que os homens enxergassem nos discursos progressistas as raízes de seus medos.

Existe um grande medo por parte dos homens em perder seus espaços de relevância, se antes tudo se resumia aos homens brancos, agora vemos mulheres, pessoas negras, homossexuais e transsexuais ganhando espaço, tanto na mídia quanto no discurso público, logo, a mudança de perspectiva masculina assusta, pois permite que exista diversidade e a diversidade é amedrontadora, por estar fora do controle. O patriarcado precisa obter o controle, pois só assim que existe a manutenção do poder. Além de abrir espaço para a diversidade, deve haver responsabilidade, não bastando apenas trocar a etnia ou sexualidade se as atitudes masculinistas ainda estarão presentes.

Por fim, os resultados sugerem que por mais que exista mudança por parte da masculinidade, as instituições precisam ser o foco para a construção de uma masculinidade positiva. As atitudes individualizantes são importantes na medida em que possibilitam a mudança coletiva, visto que os mitos fundantes ainda são relevantes na construção da disparidade de gênero, é preciso um esforço para quebrar os paradigmas de gênero, mudando a mentalidade, o imaginário, pois construindo novos heróis a serem admirados, podemos vislumbrar um futuro em que a masculinidade poder ser contemplada de maneira saudável e próspera.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. Revisitando a aquarela das masculinidades e descobrindo a entreaberta caixa de Pandora. In: AMBRA, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

AMBRA, Pedro. Homens e armas. In: AMBRA, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

BEAVOUIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CABRAL, Ana Lúcia T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no *Facebook*. **Revista Calidoscópio**. Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, 416-432, set./nov., 2019. Disponível em: [Art1 CABRAL.indd \(semanticscholar.org\)](#). Acesso em: 29 set. 2024

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana; MORICONI, Angelica. DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A MULHER NA NARRATIVA DE JOSÉ SARAMAGO. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 28, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/6845>. Acesso em: 07 out. 2024.

CASSIRIER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do Labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 1987.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 37ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos feministas**. v. 21, 2013, p.241-282. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/#>. Acesso em 19 jun. 2024

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CULTURA WOKE: Guilherme Freire e Linhagem Geek. Rogério Vilela. São Paulo: Fábrica de Quadrinhos, Youtube, 2023. 1 vídeo.

CUPUANO, Amanda. **A derrocada vertiginosa de Neil Gaiman após acusações de assédio sexual**. São Paulo, 30 set. 2024. Veja. Disponível em: [A derrocada vertiginosa de Neil Gaiman após acusaç... | VEJA \(abril.com.br\)](#). Acesso em: 05 out. 2024

CUSTÓDIO, Túlio. Padrão, padrão, padrão. *In*: AMBRA, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Márcia (orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FAUSTINO, Deivison. O negro, o drama e as tramas da masculinidade negra no Brasil. *In*: AMBRA, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

G1. **Atirador da Califórnia se descrevia como 'sofisticado e educado'**. São Paulo, 25 maio 2014. G1. Disponível em: [G1 - Atirador da Califórnia se descrevia como 'sofisticado e educado' - notícias em Mundo \(globo.com\)](#). Acesso em: 18 set. 2024

GEBRIM, Ana. Ser um homem desconstruído: um impasse. *In*: Ambra, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

GRIFFIN, Jonathan. **O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres**. 22 ago. 2021. BBC News Brasil. Disponível em: [O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres - BBC News Brasil](#). Acesso em: 22 abr. 2024

HAILER, Marcelo. **BBB 24**: “Eu não sou viado” é uma expressão homofóbica e não há o que discutir. 15 jan. 2024. Revista Fórum. Disponível em: [BBB 24: "Eu não sou viado" é uma expressão homofóbica e não há o que discutir | Revista Fórum \(revistaforum.com.br\)](#). Acesso em: 15 abr. 2024

HELENA, Nogueira. **Black Myth Wukong**: Estúdio é criticado por comentários misóginos. 28 ago. 2022. The Enemy. Disponível em: [Black Myth Wukong: Estúdio é criticado por comentários misóginos \(theenemy.com.br\)](#). Acesso em: 18 set. 2024

ISENOF, Rafael. **Por que The Last of Us Part II (PS4) ainda incomoda tanto?** 26 fev. 2021. Game Blast. Disponível em: [Por que The Last of Us Part II \(PS4\) ainda incomoda tanto? - GameBlast](#). Acesso em: 17 ago. 2023

LADY REDPILL. **Sua masculinidade não é tóxica.** 19 nov. 2021. Instagram: ladyredpilloficial. Disponível em: [Lady Redpill \(@ladyredpilloficial\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 11 out. 2024

LANG, Charles Elias; FALCÃO BARBOSA, Juliana; BARBOSA CASELLI, Francisco Rafael. A geração criada por mulheres: o pai e o masculino no Clube da Luta **Revista Mal-estar E Subjetividade**, vol. XI, núm. 2, junho, 2011, p. 843-870 Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Brasil. Disponível em: [A geração criada por mulheres: o pai e o masculino no Clube da Luta \(bvsalud.org\)](#). Acesso em: 24 set. 2024

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos:** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MATOS, Maria I. S. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. **História: Questões e Debates**, n.34, p. 45-60, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2658>. Acesso em: 20 abr. 2024

MORIN, Edgar. **O enigma do Homem:** para uma nova antropologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1973

MOUCHEREC, C. M. B. **Moda, paulistanidade e masculinidades:** a roupa de Martiniano Medina (São Paulo – 1900 – 1930). Orientador: Paulo Fernando de Souza Campos. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2022.

MUSZKAT, Malvina E. **O homem Subjugado:** o dilema das masculinidades no Mundo contemporâneo. São Paulo: Summus, 2018

MUSZKAT, Susana. Revisitando Adão e Eva. *In:* Ambra, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. *In:* CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, P. M. **De guri a cabra-macho:** masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

NICOCELI, Artur. **Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022.** 07 mar. 2024. G1. Disponível em: [Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022 | Política | G1 \(globo.com\)](#). Acesso em: 15 jun. 2024

OLIVEIRA FILHO, José I. **Os primórdios do Bolsonarismo: a utopia regressiva dos redpills**. Orientador: César Barreira. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

OLIVEIRA, M. R. G. Seguindo os passos “delicados” de *gays* afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, P. M. **De Guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes. 2015.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2ª ed. Curitiba: CRV, 2017.

RAMOS, Nayra T. A. **Mulheres de direita: conservadorismo e suas representações no parlamento**. Orientador: Danusa Marques. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ROCHA, Thayná A. **Fabricação da Tristeza: melancolia e suicídio na metrópole paulista (1920-1930)**. Orientador: Paulo Fernando de Souza Campos. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2023.

SALES, Gabriel. **Gamer, você não se importa com a precisão histórica de Assassin's Creed, apenas não quer negros e mulheres protagonizando seu jogo**. 17 maio 2024. IGN Brasil. Disponível em: [Gamer, você não se importa com a precisão histórica de Assassin's Creed, apenas não quer negros e mulheres protagonizando seu jogo \(ign.com\)](#). Acesso em: 10 set. 2024

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Márcia (orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SCHREIBER, Mariana. **'Uma bomba': como denúncias de assédio sexual abriam crise no governo Lula**. Brasília, 6 set. 2024. BBC News Brasil. Disponível em: [Silvio Almeida demitido: como denúncias de assédio sexual abriam crise no governo Lula - BBC News Brasil](#). acesso em: 29 set. 2024

SILVA, Fábio Mariano da. Sobre homens e centuaros: notas sobre as masculinidades contemporâneas. In: AMBRA, Pedro. **Cartografias da Masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

SILVA, Sérgio Gomes da. A crise da Masculinidade: Uma crítica à identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 1, p. 118–131, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hvgrgfhvbYX4tpGHHYXdWks/#>. Acesso em: 22 ago. 2024

SPLASH. **J. K. Rowling ataca atleta cisgênero da Argélia com fala transfóbica**. São Paulo, 01 ago. 2024. Splash UOL. Disponível em: [J.K. Rowling ataca atleta cisgênero da Argélia com fala transfóbica \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/splash/noticia/2024/08/01/j-k-rowling-ataca-atleta-cisgenero-da-argelia-com-fala-transfobica.htm). Acesso em: 18 set. 2024

SPRING, Mariana. **‘Recebo xingamentos e ameaças online’ – porque é tão difícil combater isso?** 19 out. 2021. BBC News. Disponível em: [‘Recebo xingamentos e ameaças online’ - por que é tão difícil combater isso? - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/pt-br/brasil/2021/10/recebo-xingamentos-e-ameacas-online). Acesso em: 15 set. 2024

SOUZA, A. W. E.; BALBINOT, J. J.; CAMPOS, P. F. S. Romance em fins do século XIX e início do XX: masculinidades negras em “Rei Negro” de Henrique Coelho Neto. *In*: CAMPOS, P. F. S.; BELMUDES, R. C. C. **Negros na literatura brasileira**: Identidades, representações e formas de subjetividades. São Paulo: Todas as Musas, 2020

VARGAS, André. **Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores**. Suzano, 13 mar. 2020. BBC News. Disponível em: [Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/pt-br/brasil/2020/03/um-ano-apos-ataque-em-escola-em-suzano-tumulo-de-assassino-recebe-visitas-de-admiradores). Acesso em: 15 set. 2024

VILAÇA, Gracila; d'ANDRÉA, CARLOS. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. **Revista Ecopos**, v. 24, n. 2, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230. Acesso em: 07 ago. 2024

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O Imaginário. São Paulo: Edições Loyola, 2007.